

O Olhar de Capitu e a Patografia de Bento

Por
Adalberto Tripicchio*
Ana Cecília Tripicchio**

“Olhos de ressaca?” [...] “Traziam não sei que fluido misterioso e energético, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros; mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me”.

Dom Casmurro

I. INTRODUÇÃO

À forma estrutural inicial do título - O Olhar de Capitu... - deste artigo:

A quase totalidade de informações que o homem contemporâneo recebe chega-lhe por imagens. Esta afirmação nos é dada pelos pesquisadores da psicologia da percepção, os quais as estimam em torno de oitenta por cento, comparadas às outras senso-percepções. Nosso ser-no-mundo é basicamente estruturado sobre a visão. A camada interna neuro-sensorial de nosso globo ocular, a retina, apresenta uma citoarquitetura neural diferenciada, exatamente como uma expansão da estrutura celular cerebral.

S. Poliak, anatomista norte-americano, admite a hipótese de que os olhos, de pequeninos organismos aquáticos, que teriam vivido há mais de um bilhão de anos, evoluíram resultando no tecido cerebral, isto é, não foi o cérebro que se estendeu até a formação dos olhos, mas foi o olho que se tornou tão complexo, dando origem ao córtex cerebral, para vir-a-ser sua sede de percepção visual. Nossa Unidade Central de Processamento de Dados, o cérebro, é iluminada pelo mundo através dos olhos dianteiros, a visão frontal; assim o ato de olhar representa um dirigir a mente para... um ato de intencionalidade, um ato de significação que, para E. Husserl, define a essência do humano ato.

A plástica cultura grega bordava com os fios coloridos da linguagem, do ver ao pensar. Assim a relação olho/visão, ojo/mirada, oeil/regard, eye/look, occhio/sguardo, mostra a equivalência nos idiomas que destaca a diferença entre a sensação do órgão neuroreceptor externo, da percepção dada pela dinâmica psicofuncional interna do ser humano, sempre em busca de algum significado. Isto trará importantes desdobramentos à

nossa compreensão, tanto da psicologia, quanto da patopsicologia.

Ao conteúdo vivencial a que se remete o final - e a patografia de Bento...- deste título: Muitas são as biografias escritas sobre os "aspectos interessantes para o psicopatologista da vida psíquica de uma figura histórica, política ou artística e a importância dessas manifestações e processos para explicar a criação de tais homens", segundo K. Jaspers. À biografia, feita sob o prisma da patopsicologia, isto é, aquela que parte do enfermo (pato) em direção à documentação científica (psicologia), dá-se o nome de patografia. As pioneiras patografias da literatura médica foram feitas por J.P. Moebius sobre Rousseau, Goethe e Nietzsche, por W. Lange sobre Hölderlin e por K. Jaspers sobre Nietzsche, Strindberg, Van Gogh, Swedenborg e Hölderlin.

Auto-patografias são aquelas feitas pelos próprios pacientes, escritores por ofício ou não, que direta, ou indiretamente, através de seus clínicos, registram suas experiências com o transtorno mental sofrido. São os casos de Renée, paciente de M.A. Sechehaye, de B. O'Brien, de LF Barros, de R Pompeu, de Sybil, de KR Jamison. Dois psiquiatras parisienses, H. Cuche e A. Gérard transcrevem em livro, de título bastante sugestivo:- *Não agüento mais*, suas experiências diárias com o universo depressivo de seus pacientes.

Atendo-se principalmente à obra, e usando-se como instrumento de investigação psicológica a interpretação psicanalítica e/ou a compreensão fenomenológica e/ou a análise existencial das produções artísticas, sobretudo a literatura, seus personagens fictícios passam a ser vistos como fiéis representações de aspectos, sadios ou mórbidos, da personalidade de seu criador. Podem, ainda, permitir aproximações, não somente no terreno geral da criação, como no âmbito específico da pessoa, da vida e da missão cultural dos autores.

A mesma dificuldade que se observa nas patografias das pessoas da vida real, encontra-se nas patografias dos personagens da ficção, e na relação destes com seu escritor. Muitas vezes, a criação artística é o resultado de um amálgama de experiências, ou, de tendências, ou, ainda, de posições pessoais do autor, sobretudo filosóficas e estéticas, em que se torna difícil distinguir o que poderia ser sinal ou sintoma mórbido do autor, ou, o que seria pura criação artística, ou, como no caso de M. Proust, recriação literária.

Com a análise existencial em psiquiatria, aborda-se estes pacientes por meio de suas patografias clínicas reais, onde somente são ficcionais seus nomes, por exigência do sigilo ético-profissional. São notáveis os casos pioneiros descritos por L. Binswanger, como os de Ellen West, Suzanne Urban, Jürg Zünd e Lola Voss.

Alguém disse que escrever ou *é fácil ou impossível*. Os bons e verdadeiros escritores montam seus personagens a partir da aguda percepção da fauna humana na qual estão mergulhados. Pode-se, partindo da ficção destes autores, fazer estudos acadêmicos psicológicos e patopsicológicos em total concordância com a realidade dos fatos, isto é, seriam personagens perfeitamente encarnáveis no comum dos mortais. Temos patografias literárias absolutamente verossímeis, como, por exemplo, de F. Dostoiévski em *O Idiota*, que mostrou no seu personagem *Príncipe*, mais dados sobre a personalidade epiléptica do que os encontrados nas monografias acadêmicas feitas com questionários, testes e tratamentos estatísticos da questão. L. Tolstói, com sua personagem imortal Ana Karênina e, também G. Flaubert, em tema semelhante, com *Madame Bovary*, de onde J. Gaultier extraiu da personagem *Emma* para a *folk psychology*, a expressão bovarismo, isto é, tomar para si uma personalidade fictícia bastante distinta da original. Ou, de J.B. Poquelin, dito Molière, com o tartufismo, um ser-no-mundo (dasein-in-ther-Welt) que representa a súplica dos hipócritas. De M. Cervantes, a criação dos dois tipos característicos, o do *Dom-Quixote*, indivíduo ingênuo que pretende corrigir injustiças alheias em prejuízo próprio, alto e magro, e o do *Sancho-Pança*, indivíduo simples, com muito bom senso, baixo e gordo. A lista poderia por muito se prolongar.

Acreditamos também que possa haver um caminho inverso, isto é, partindo-se de modelos teóricos, se possa criar personagens de ficção na literatura, num exercício de psicopatologia, isto é, sair da psicologia, como teoria, em direção à prática da patologia, na ação literária.

É preciso reconhecer que estamos muito longe de podermos sistematizar as relações entre a psicologia e a literatura, e que tentativas como as de A.A. Roback ou F.L. Lucas não atingiram um nível satisfatório, talvez mais pela falta de acuidade sensível deste dois autores, do que pela real impossibilidade de executar esta tarefa.

K. Lewin, depois de mostrar a inadequação das descrições científicas do ambiente psicológico, disse- *"as mais completas e concretas descrições de situações são as apresentadas por alguns escritores, como Dostoiévski [fato já citado]. Tais descrições conseguem apresentar aquilo que, de forma bem*

clara, falta nas descrições estatísticas, isto é, um quadro que mostra, de forma definida, como se relacionam, entre si, e com o indivíduo, os diferentes fatos de seu ambiente. Apresenta-se a situação total, com a sua estrutura específica [...] Para que a psicologia possa fazer predições quanto ao comportamento, precisa tentar realizar, através de recursos conceituais, essa mesma tarefa”. Assim, o escritor daria uma descrição do comportamento do indivíduo que ainda estaria fora do alcance do psicólogo.

Já R. May, psicólogo de formação bastante distinta da de Lewin, afirma: - “Por isso, muitos fizemos a estranha descoberta. Quando estudantes universitários, de que aprendíamos muito mais psicologia, isto é, aprendíamos muito mais a respeito do homem e de sua experiência, nos cursos de literatura do que nos de psicologia [...] Da mesma forma, quando agora os estudantes me escrevem, dizendo que pretendem ser psicanalistas, e pedem conselho quanto aos cursos que devem fazer, digo-lhes que se formem em literatura e nas humanidades, e não em biologia, psicologia ou cursos pré-médicos”.

Por outro lado, na mão contrária, os escritores percebem a possível contaminação da psicologia acadêmica no cotidiano dos homens. A. Huxley imagina um *Admirável mundo novo*, governado por técnicas, como a lavagem cerebral, os tranqüilizantes, o hipnotismo, a percepção subliminar, inocentemente criados por psicólogos, e depois empregados pelos ditadores. Huxley combate as teorias que, como a de B.F. Skinner, psicólogo americano, negam as diferenças hereditárias entre os homens. Ora, isso nos levaria a dizer que “as peças de Shakespeare não foram escritas por Shakespeare, nem mesmo por Bacon ou pelo conde de Oxford, mas pela Inglaterra da época de Elisabeth”.

Na mesma linha de pensamento, levando à literatura as influências de uma psicologia acadêmica, citamos G. Orwell em seu *1984*, ou o próprio Skinner com seu *Walden II*. Ainda, lembramos de A. Burgess e seu impressionante *A laranja mecânica*, em que afirma que seus personagens não se movem por razões sociais, mas, tão somente, por razões psicológicas.

Uma observação faz-se necessária. Cercamo-nos de vários livros para consultas: crítica literária, outros romances semelhantes ao tema a ser exposto, patopsicologias de várias linhas, tratados de psiquiatria, algo de filosofia etc, e o que notamos é que, buscando as referências bibliográficas de um autor para outro, revela-se uma seqüência quase-próxima do plágio. Constatamos este fato aqui, não para nos desculparmos de nossa falta de originalidade, mesmo porque, tanto já foi escrito que dificilmente conseguiríamos oferecer uma contribuição inédita ao longo deste artigo. Como diz U. Eco a respeito do processo da criação artística: - [o escrever é] “matéria que possui suas próprias leis naturais, mas que ao mesmo tempo traz consigo a lembrança da cultura de que está embebida (o eco da intertextualidade)”.

II. O CRIADOR

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), conhecido como “o bruxo do Cosme Velho”, foi um assíduo freqüentador do Gabinete Português de Leitura, na cidade do Rio de Janeiro. Já existiam lá os tratados europeus de psiquiatria. Dizemos isso, posto que, na relação dos livros de sua biblioteca particular, feita por M. Massa, não constava nenhuma obra sobre doenças mentais, ou mesmo, sobre medicina em geral.

Seu *O Alienista*, publicado em 1882, a sátira que retrata a vida dos manicômios e aponta as limitações do saber psiquiátrico, autoriza-nos a supor que Machado teria obtido informações técnicas nos ensaios dos alienistas de sua época, dos quais destacaríamos R. von Krafft-Ebing, os franceses do século XIX, J. Baillarger, A.L. Bayle, P. Cabanis, J. Charcot, P. Chaslin, J.E.D. Esquirol, J.P. Falret, J. Falret, G. Ferrus, P. Janet, E. Lasègue, J. Magnan, J. Moreau (de Tours), B.A. Morel, Ph. Pinel, E. Régis, J. Seglas, U. Trélat.

A Nave dos Loucos, da qual M. Foucault dá pinceladas tão expressivas quanto as da tela abstrata de J. van Aeken, dito Hieronymus Bosch, é posterior à Casa Verde de *O Alienista*. Nem R. Laing ou F. Basaglia chegaram a superar S. Bacamarte: dar alta, num só dia, a todos os doentes do asilo e, recolher-se ao manicômio vazio, para aí meditar sobre o enigma da loucura.

O interesse pela loucura, mostrado por Machado, provavelmente tenha se dado como reflexo da sua epilepsia. Lê-se, em seu caderno de notas, que além das convulsões que sofria, havia também crises somente psíquicas: estados oniróides, com alterações do campo da consciência, como num sonho acordado, e as realidades, interna e externa, surgindo num cenário e coreografia fantásticos. Estes fatos devem ter-lhe despertado curiosidade pelos fenômenos psíquicos, como também, colorido intensamente seus textos.

Os desdobramentos psíquicos do mal comicial em um indivíduo de superior inteligência, leva-o a refletir a respeito das instabilidades e fragilidades do equilíbrio psíquico,

tanto intelectual, como emocional e conativo (vontade+ação). A brusca perda da consciência, a ressaca deixada pelas crises (cefaléias, distúrbios do humor, medos e dúvidas), propiciam a meditação da pequenez de nossa *humana condição*, no dizer de M. Montaigne.

Atermo-nos à sua doença, em direção a uma patografia de Machado, seria tarefa de interesse exclusivamente médico, com ressalvas às questões éticas do sigilo profissional, a serem feitas a partir das observações de seu clínico particular, o Dr. Miguel Couto. Mas aqui é sua obra o foco da nossa atenção; Machado está, seguramente, entre os dois ou três, dentre tantos, maiores escritores de nossa língua.

Parece-nos bastante limitado o trabalho de certos críticos literários que, tentando interpretar o “milagre” da obra de Machado, ativeram-se a aspectos tão parciais de todo um contexto. Assim, temos Peregrino Jr. destacando a questão da epilepsia, Barreto Filho atendo-se aos caracteres de Machado ser mulato, L.M. Pereira com os acontecimentos da infância e as relações com sua família, A. Coutinho atendo-se às possíveis influências intelectuais recebidas pelo autor.

Os perfis psicológicos, normais ou não, de seus personagens, são pérolas que nos foram lançadas, cabe-nos o trabalho de apanhá-las, pois, *quem não sabe o que procura, não entende o que encontra*. Machado tira-nos da inércia anímica: torna-nos menos ignorantes e aguça-nos a sensibilidade.

O escritor, na síntese de suas experiências (externas) e vivências (internas) da observação social circundante e de sua filosofia de vida - o pessimismo irônico, assim chamado por T.M. Moreira - criou personalidades cuja mensagem é singela e bela. Supomos que A. Schopenhauer, seu contemporâneo, com sua filosofia que universalizou o pessimismo, tenha-lhe influenciado.

Machado, provavelmente, não programou as personalidades de suas histórias a partir da psicologia. No entanto, sua narrativa é tão verossímil e “pé-no-chão” que, por meio dela, poder-se-ia fazer uma ciência da tipologia psíquica dos seres humanos, partindo-se da sua ficção em direção à realidade.

É equivocada a imagem de um Machado distante da realidade brasileira ou a ela indiferente. Suas crônicas e suas críticas literárias mostram um Machado atento e voltado para a realidade na qual vivia. É errôneo ver-lhe somente como um homem contemplativo de letras, pois, desde muito moço, já era um verdadeiro escritor, e não um jornalista ou um intelectual procurando uma catapulta para suas ambições políticas.

As leituras sociológicas da obra de Machado, dos ensaístas A. Bosi, A. Pereira, R. Faoro e R. Schwarz, são preciosas. Como sempre, o objeto principal de Machado é o comportamento humano, o qual é revelado mediante a percepção de palavras, pensamentos, obras e silêncios de personagens que viveram no Rio de Janeiro durante o Segundo Império. A sociedade de então era composta, basicamente, por indivíduos que pertenciam a quatro estratos diferentes: os proprietários, os funcionários, os agregados e os escravos. Entretanto, sem abrir mão do quadro social local, do Brasil urbano do século XIX, Machado mostra uma “perspectiva universal”, próxima dos moralistas do século XVIII, dentre os quais podemos citar o francês La Rochefoucauld, que criou o aforismo: - *“As pessoas fracas não podem ser sinceras”*, com o qual Machado se alinhou. Por isso mesmo, o escritor mostrou-se sempre “tolerante” em relação aos comportamentos mascarados. Machado foi um grande leitor dos contos filosóficos do século XVIII, aí estão os autores Voltaire, Sterne, Diderot, Montesquieu, entre outros.

III. A CRIATURA

DOM CASMURRO foi escrito e impresso em 1899, e veio à público em 1900. Estudiosos de Machado consideram-no o mais pessoal de seus romances. Os capítulos 3, 4 e 5, que tratam da apresentação de José Dias, já haviam sido publicados no “República”, em 1896, com o título *Um agregado (capítulo de um título inédito)*. Sua primeira tiragem foi de 2 000 exemplares; ainda em 1900, houve uma



segunda tiragem.

Amável leitor, por obséquio, leia, antes deste artigo, aquilo que dele se trata, o citado romance *Dom Casmurro*. A quem já o fez, felicitamos e, queira nos desculpar e desconsiderar a insinuação presumida. Porém, se o fez há muito tempo, releia-o para atizar ao fole as imagens que dele estejam se apagando. De saborosa degustação sempre o será.

Machado com esta sua obra-prima forma um respeitável quarteto de transformações radicais na literatura séria universal. Assim, citamos o tcheco F. KAFKA, com seu personagem que vira um inseto, e que todos juram ser uma barata, em *A METAMORFOSE*; o russo N. GÓGOL, com uma estranha figura que se torna *O NARIZ*; o norte-americano P. ROTH, que consegue kleinianamente regredir um ser humano à condição subhumana d' *O SEIO*. E o nosso patricio MACHADO que metamorfoseia um belo exemplar da anatomia humana, a moça Capitu, em dois globos oculares, a se transformar na menina dos olhos de qualquer bom e exigente leitor que entre em contato com *DOM CASMURRO*.

Valemo-nos aqui da edição: Machado de Assis - “Obra Completa”, da Nova Aguilar, de 1997, em três volumes. Todas as citações do texto original aparecem entre aspas e em negrito, para facilitar sua visualização. Não situaremos a página de cada transcrição para não trazer, ao leitor, a cansativa tarefa de ler um texto congestionado. Citações, que não são de *Dom Casmurro*, surgem entre aspas e em itálico.

IV. SINOPSE DO ROMANCE

O protagonista Bento Santiago é o narrador em primeira pessoa de suas memórias, fechando-se em si mesmo ao longo da vida. É agora apelidado de Dom Casmurro. Não o casmurro teimoso, cabeçudo ou implicante dos dicionários, mas como resultado de “hábitos reclusos e calados, [que] deram curso à alcunha, [e] que afinal pegou. [...] Dom veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo”.

Órfão de pai, criado com desvelo pela mãe Glória, uma viúva proprietária e rica, superprotegido do mundo pelo círculo doméstico e familiar - prima Justina, filha de funcionário, tio Cosme, funcionário, José Dias, agregado, e os escravos - Bento entra na adolescência e é destinado à vida sacerdotal, em cumprimento a uma antiga promessa de sua mãe.

Descobre, de repente, por uma observação de outro, que suas brincadeiras com a vizinha Capitu seriam as primeiras manifestações de sua inclinação amorosa.

A vida no seminário não o atrai. Já de namoro com Capitu vai sendo precocemente invadido por um ciúme incontrolável.

No internato torna-se amigo de um colega de estudos, Escobar. Leva-o à sua casa, faz dele seu confidente, e transforma-o em intermediário de sua correspondência com a namorada.

Apesar de comprometida pela promessa, mãe Glória sofre com a idéia de ter de separar-se do único filho, matriculando-o num internato. Por iniciativa de José Dias, Bento abandona o seminário e, em seu lugar, ordena-se um escravo.

Correm os anos e, com eles, o amor de Bento e Capitu. Entre o namoro e o casamento, Bento se forma em Direito. Casa-se com Capitu e estreita cada vez mais sua amizade com Escobar, que já havia se casado com Sancha, amiga íntima de Capitu. Os dois casais estão sempre unidos.

Do casamento de Bento e Capitu nasce Ezequiel, único filho. De Escobar e Sancha, Capitolina, única filha.

O ciúme de Bento recrudescer na vida conjugal. Um episódio marca-lhe profundamente, focalizando o amigo: o inesperado encontro de Escobar, em sua casa, quando voltava do teatro.

Três eventos centrados em Capitu cobrem-no de “dúvidas sobre dúvidas”: 1) a descrição de José Dias sobre a alegria *tontinha* de Capitu, 2) a cisma com o dandy e, 3) o esquecimento por Capitu de um prego ouvido, há tempos, em meio a juras de amor.

Uma semelhança das crianças, Capitolina e Ezequiel, é notada por Bento como indício de origem comum.

Escobar morre e, durante seu velório, Bento julga estranho o comportamento de Capitu. Sua infidelidade lhe é revelada pelo olhar que ela lança ao cadáver. Esta sua vivência plena de significado transforma, por um certo tempo, sua personalidade.

Aos poucos vai mergulhando na melancolia. Seu único filho imita os gestos e o modo de olhar do amigo, o pequeno Ezequiel vai se tornando sócia de Escobar.

O ciúme aumenta e precipita-se a crise. Bento chega a planejar o assassinato da esposa e do filho, seguido pelo seu suicídio, mas não tem coragem para executá-los. A presença da criança, clone de Escobar, torna-se insuportável. Ela é interna num colégio, o que se mostra inútil. Por duas vezes, Bento programa seu suicídio, em vão.

Bento revela a razão de seu estranho comportamento a Capitu, a qual lhe exige a separação matrimonial. Um olhar de Capitu dirigido à uma fotografia de Escobar, é interpretado por Bento como uma real confissão de infidelidade da esposa. Adquire, assim, pela segunda e, agora, definitiva vez, a mais plena convicção de que todas as suas dúvidas são procedentes e estão agora dirimidas, transformando-se em certezas.

Esta revelação transforma Bento em “um homem novo”. Cessam os desejos de morte. Consolida-se aqui o progressivo e irreversível engessamento de sua personalidade.

Capitu viaja com o filho para a Europa, onde morre anos depois. Ezequiel, já moço, volta ao Brasil para visitar o pai, o qual apenas constata a semelhança entre o “filho” e o antigo colega de seminário. Ezequiel volta a viajar e morre no estrangeiro. Bento, cada vez mais retraído e isolado, povoado apenas por idéias e lembranças, passa a ser chamado de Dom Casmurro pelos amigos e vizinhos e põe-se a escrever a história de sua vida.

V. PATOGRAFIA DE BENTO SANTIAGO

Imaginemos que o Sr. Bento Santiago, homem maduro, visite-nos para uma reavaliação clínica e laboratorial de rotina. Acresça-se que ele não é informado que somos também psiquiatras. Iniciamos a entrevista seguindo um roteiro propedêutico. Na anamnese colhemos sua história de vida, antecedentes pessoais, familiares e hereditários. O Sr. Bento julga-se sadio física e psiquicamente, não apresentando qualquer queixa de sintoma que nos permita demarcar uma História Progressiva da Moléstia Atual [HPMA]. Assim, continuamos a investigação com a coleta de dados em busca de algo inaparente. Se surgir alguma suspeita de patologia, física ou mental, procuraremos observar a presença de fatores desencadeantes, agravantes ou atenuantes do suposto transtorno. Sintetizando-se o que foi colhido, procuramos chegar a alguma hipótese diagnóstica.

Em psiquiatria, o diagnóstico será sempre e apenas sindrômico, nunca etiológico, por não conhecermos exatamente o último elo existente entre a relação cérebro/mente.

Feito o diagnóstico, instituímos uma terapêutica: se houver resposta, realizamos um prognóstico; se houver, no caso clínico em questão, implicações legais e jurídicas, realizamos uma perícia técnica médico-legal para compor um laudo com fins processuais, encaminhado ao fórum competente (este seria o algoritmo clínico padrão ideal usado para o exame de qualquer paciente). Neste artigo, onde ficção e não-ficção estão imbricadas, seria impossível seguir-se exatamente o modelo assinalado. Mas, mesmo assim, o teremos como uma meta.

Naturalmente, enquanto a anamnese é colhida, ela vai sendo acompanhada, pari passu, por um raciocínio clínico que lhe norteie e dê legitimidade.

1. INFÂNCIA DE BENTO

Bentinho, filho único que perdera o pai aos 3 anos de idade, tinha para si a dedicação exclusiva e extremada da mãe, Glória, reforçada ainda pelo insucesso de uma gestação anterior. Ela torna-se exageradamente preocupada com a possibilidade de perder o novo filho e, para que tudo lhe corra bem na sua segunda gestação, faz a promessa de que, se o bebê fosse um menino, destiná-lo-ia ao sacerdócio.

Lembra-se Dom Casmurro, na relação com sua mãe: - **“Penso que lhe senti o sabor da felicidade no leite que me deu a mamar”**. Talvez ela **“esperasse uma menina”**.

Seu triângulo primitivo pai-mãe-filho tem a ausência precoce de um dos vértices, não havendo uma figura masculina, em seu ambiente, suficientemente forte para substituir-

lhe a função paterna.

D. Glória chega a apresentar ansiedade fóbica, com um medo irracional quanto à boa saúde de Bentinho, que é, em parte, atenuada pela execução do ritual religioso da promessa.

Curiosamente, Machado, pela pena de Casmurro, faz referência ao contato com o seio bom materno muito antes dos kleinianos. Acrescente-se ao prazer saboroso do leite aquilo que é projetado como felicidade na figura da mãe. Tornar-se-á um importante mecanismo usado por sua personalidade, a projeção. Mas, além desta alegria de bebê, são também projetados ao mundo, com a mesma força, sua agressividade e seus sentimentos de culpa. De qualquer forma, ocupar-se com a lembrança dessa descrição mostra a importância da precoce relação boca-seio do narrador. Além da apurada intuição clínica de Machado.

Se, de fato, Glória queria uma menina, é possível que esse desejo da mãe a tenha levado a exercer um duplo vínculo com o filho, isto é, passando sempre a ele uma segunda mensagem oculta nos seus gestos, influenciado negativamente sua máscula educação.



2. AOS QUINZE ANOS DE BENTO

“Ia a entrar na sala de visitas, quando ouvi proferir o meu nome e escondi-me atrás da porta”. Conversavam Glória, Cosme, Justina e José Dias, o qual chamou a atenção de Glória ao fato de:- **“que o nosso Bentinho ande metido nos cantos com a filha [Capitu] do 'Tartaruga' [apelido dado a seu pai Pádua], e esta é a dificuldade, porque se eles pegam de namoro, a senhora terá muito que lutar para separá-los”.**

A possibilidade de um casamento de conveniência é sugerida por José Dias:- **“a pequena é uma desmiolada; o pai faz que não vê; tomara ele as coisas corresse de maneira, que [...]”** A razão para a suspeita do agregado é evidente: a família de Bento é muito rica, a de Capitu é bem pobre. Casmurro evoca que também os pais da menina estão predispostos a aceitá-lo, enquanto ela parece obrigada a um longo trabalho de conquista da família de Bento.

À época, Bento não registra a insinuação da conveniência e, a dificuldade aludida na conversa se referia a de mandá-lo ao seminário, caso ele já estivesse enamorado pela vizinha Capitu.

Ao ouvir isso, Bento se pergunta:- **“Com que então eu amava Capitu, e Capitu a mim? [...] Tudo isto me era agora apresentado pela boca de José Dias, que me denunciara a mim mesmo”.**

Notamos, assim que, embora já com 15 anos de idade, Bentinho somente entra em contato com seus próprios sentimentos, por meio de outros. Haveria ainda a possibilidade de ter-se deixado induzir emocionalmente por uma sugestionabilidade hipertrofiada.

Em seguida Bento sai correndo para o quintal vizinho e encontra Capitu que acabara de riscar com um prego no muro:

**“Bento
Capitolina”**

“Capitu era Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem”.

Machado repete o esquema dos primeiros romances: a diferença social entre os namorados. Entretanto, aqui isso parece apenas como moldura para a expressão do choque de personalidades. Bento é o tímido e irresoluto, enquanto Capitu é a ambiciosa e decidida, capaz de encontrar os caminhos para o seu objetivo.

Ainda aos quinze anos de Bento, e aos catorze de Capitu, este mostra-se excessivamente pudico; quando lhe surgem imagens sexuais em função de uma égua ferosa, de origem ibera, encontrada no caminho, considera-as impróprias à sua idade! Ainda, por esta

época, diz com muito orgulho:- **“eu era puro, e puro fiquei, e puro entrei na aula de S. José [o seminário]”**.

Não será exagero avaliarmos que o despertar de sua sexualidade se deu de forma lenta e tardia, e que o desenvolvimento de sua personalidade tenha-se fixado em algum ponto de sua infância.

3. ADOLESCÊNCIA E TRÊS GATILHOS INICIAIS DE SEU CIÚME

Primeiro:

José Dias visita Bento em São José. Após conversarem sobre o seu possível abandono do seminário, arranjando alguma boa justificativa para sua mãe descompromissar-se da promessa feita, Bento lhe indaga, denunciando pela primeira vez seu amor e seu ciúme:- **“Capitu como vai?”**

O agregado responde-lhe: **“Tem andado alegre, como sempre; é uma tontinha. Aquilo enquanto não pegar algum peralta da vizinhança, que se case com ela [...]”**

Aqui, José Dias desempenha papel paralelo ao de Iago em Otelo. Provavelmente era contrário ao namoro dos dois. Era ostensivo o interesse da família Pádua, em encaminhar, por interesse, Capitu para a família Santiago.

As informações recebidas caíram como uma bomba em cima de Bento. Eis aí a primeira mordida de ciúme. **“A notícia de que ela vivia alegre, quando eu [Bento] chorava todas as noites”**, deixou-o completamente atordoado.

Segundo:

Estava Bento **“debaixo da janela de Capitu e a passagem de um cavaleiro, um dandy, como então dizíamos”**, chama-lhe a atenção. Era costume os rapazes irem visitar suas namoradas montados a cavalo. Muitos passaram naquele dia, mas o **“do cavalo baixo não passou como os outros; [...] O cavaleiro não se contentou de ir andando, mas voltou a cabeça para o nosso lado, o lado de Capitu, e olhou para Capitu, e Capitu para ele”**; [...] **“Tal foi o segundo dente de ciúme que me mordeu”**.

Ele sai correndo da rua e, quando dá por si, já estava na sala de visitas de sua casa onde estavam tio Cosme e José Dias.

Bento associa o *dandy* ao peralta aludido por José Dias no seminário e teve vontade de esclarecer suas dúvidas, mas faltava-lhe coragem para tanto. Ele prefere dissimular, não se certificando dos fatos e evade-se para seu quarto. Neste episódio seu coração é ferido brutalmente pelo ciúme, manifestando uma reação emocional excessivamente desproporcional ao estímulo externo recebido, a qual poderíamos chamar de teatral, dramática, para sermos mais diretos: de histerica.

Como não era costume esclarecer suas dúvidas, Bento passa a fantasiar quais possíveis peraltas da vizinhança poderiam ser-lhe perigosos, mas parece-lhe que nenhum **“tão senhor se sentia dela, [...] que era como se olhassem”** para ele. Vemos aí como se estrutura seu pensamento, projetando sobre Capitu todo seu desejo de poder e posse e, expressando sua auto-referência, isto é, atraindo para si, egocentricamente, todos os estímulos externos recebidos. Mais tarde, sua fantasia chegará a envolver totalmente Capitu, imaginando-a aos beijos com algum peralta.

Nas palavras de Casmurro: **“Corri ao meu quarto, e entrei atrás de mim. Eu falava-me, eu perseguia-me, eu atirava-me à cama, e rolava comigo, e chorava, e abafava os soluços com a ponta do lençol”**. Sua fantasia o faz já ver-se padre e, também, ver **“a infiel a pedir-lhe perdão ajoelhada a seus pés, negando e chamando-lhe perversa. [...] Duas vezes dei por mim mordendo os dentes. Como se a tivesse entre eles”**.

A angústia vai num crescendo e, no isolamento de seu quarto, chega a apresentar um episódio de ansiedade paroxística, com **“soluços abafados com a ponta do lençol”**, chegando a ter desejos homicidas e canibalísticos, tal era sua agressividade contra Capitu.

Terceiro:

Um novo pretexto aguça-lhe o ciúme, agora por intermédio de prima Justina, ao insinuar que a demora de Capitu, em casa de Sancha, era devida a que elas:- **“Talvez ficassem namorando”**.

“Não a matei por não ter à mão ferro nem corda, pistola nem punhal”. Bento queixa-se de que:- **“Um dos erros da Providência foi deixar ao homem unicamente os braços e os dentes, como armas de ataque, e as pernas como armas de fuga ou de**

defesa". O antropólogo Gehlen enfatiza a questão da privação de meios naturais de luta no homem, marcando aí um dos fundamentos de sua teoria. Seus sentimentos agressivos procuram matar a prima com os olhos.

Esta terceira mordida de ciúme será esclarecida quando de uma visita, mais tarde, à casa de Sancha, e o ciúme ficará adormecido até o início do casamento.

O quadro vai se complicando com perda de apetite e insônia. Chega a simular uma dor de cabeça para não ter de voltar ao seminário e poder estar com a namorada, além de fazer promessas de orações (que nunca cumpre), para aliviar sua angústia. Sua instabilidade emocional leva-o ora a fugir da namorada, ora a refugiar-se na sala de visitas de sua casa, ora a preparar uma inquisição com José Dias, para por em confronto peralta e *dandy*. Falta-lhe, porém, a coragem necessária para isso tudo.

Capitu fica surpresa quando sabe das suspeitas de Bento em relação a ela, dizendo como era **"grande [a] injúria que lhe fazia"**, logo após terem trocado juras de amor. Novas juras acontecem, como a de romperem o namoro na primeira suspeita que surgisse.

Machado escreve o chamado romance de caráter, em que as personalidades dos personagens se apresentam de maneira contínua, ainda que instável. À sua época, já se acreditava na idéia de um caráter (ou personalidade), determinado hereditariamente, o que corresponde à ideologia psicológica do século XIX. Lembramos que caráter é o padrão de como a personalidade age e reage e, temperamento, de como ela sente.

É necessário, nas tramas dos textos, que um mesmo personagem tenha que mostrar distintas reações no seu ambiente, senão tudo se tornaria por demais previsível. Para driblar a rigidez do caráter único de seus personagens, Machado veste-os de duas consciências: 1) uma de tendência introspeccionista, que conduz a uma análise do universo interno de cada um, chegando às suas verdadeiras tendências e, 2) outra, na concepção de que a vida social se baseia na hipocrisia, por meio da apresentação de falsos sentimentos. Eis aqui a tolerância moral com que Machado concebe seus atores.

Como filho único, e tendo que conviver em meio a adultos, Bento desenvolve seu natural caráter introvertido e, segundo os *Tipos Psicológicos* de C.G. Jung, tendo como função principal, a sensorial, pois vive em um mundo espelhado por olhares e, por função auxiliar, o pensamento motor contínuo, permanentemente ruminando idéias reiterativas, ligadas ao seu conturbado estado de humor fundamental, intoxicado pelo seu ciúme.

Do ponto de vista psicanalítico, Bento vai usar com exagero o mecanismo da evasão, como defesa do ego, ausentando-se com freqüência da realidade ao seu redor e facilmente mergulhando em devaneios. Por exemplo, quando um dia cruza, por acaso, com o Imperador, num passeio, imagina-o cancelando sua matrícula no seminário: **"Sua Majestade pedindo, mamãe cede"**.

Sua afetividade transita numa escala temperamental que vai da extrema sensibilidade à hiperestesia, chegando à ausência da mesma - a anestesia - quase que de forma independente dos estímulos externos. Isto vai ratificar a tese de considerá-lo um introvertido/esquizotímico instável, porque ele vai facilidade de extremo a extremo, como mostram as passagens: **"Não chore assim"** e, logo adiante, **"Não ria assim"**.

A introspecção, por se concentrar densamente, como um laser, a um foco particular e discreto, conduz, geralmente, aos piores aspectos éticos dos personagens, talvez por burlar a vigilância da consciência total, que tem de dar conta de um amplo campo vivencial, revelando, assim, os impulsos mais egoístas e anti-sociais do indivíduo.

Vamos conferir uma introspecção de Bento enquanto buscava uma fórmula que anulasse a promessa feita ao divino da sua mãe. Esta fica doente e José Dias vai buscá-lo no seminário: **"era a primeira vez que a morte me aparecia assim perto, me envolvia, me encarava com os olhos furados e escuros. Quanto mais andava aquela Rua dos Barbonos, mais me aterrava a idéia de chegar a casa, de entrar, de ouvir os prantos, de ver um corpo defunto ... Oh! eu não poderia nunca expor aqui tudo o que senti naqueles terríveis minutos. [...] Ia só andando, aceitando o pior, como um gesto do destino, como uma necessidade da obra humana, e foi então que a Esperança, para combater o Terror, me segredou ao coração não estas palavras, pois nada articulou parecido com palavras, mas uma idéia que poderia ser traduzida por elas: 'Mamãe defunta, acaba o seminário'.**

Leitor, foi um relâmpago. Tão depressa alumiu a noite, como se esvaiu, e a escuridão fêz-se mais cerrada, pelo efeito do remorso que me ficou".

Esse processamento de idéias e emoções é fruto da introspecção própria de seu

caráter e temperamento. Quando mergulhado no ensimesmamento, prevê a morte da mãe: forçosamente, brota-lhe a consequência desejável, o fim da promessa, a saída do seminário. Este imediato sentimento de culpa, mostra-nos que Bento não é uma personalidade psicopática lato sensu, pois esta não conhece nem remorso e nem culpa.

A introspecção pode provocar no indivíduo acusações injustas para consigo mesmo: é o resultado da eterna luta entre as pulsões bipolares de vida e de morte, do amor e do ódio, da criação e da destruição, do consciente para com as regiões extra-conscientes, as quais sinalizam necessidades instintivo-biológicas, por natureza amorais.

O verdadeiro desmascaramento somente dar-se-á, efetivamente, quando a idéia e a ação de um indivíduo se mostrarem ante uma oposição inevitável para com a sociedade: ou seja, o indivíduo sendo governado, de um lado, por seu núcleo instintivo-afetivo narcísico-onipotente, enquanto a sociedade, de outro lado, exige-lhe altruísmo, solidariedade e dedicação. Por isso, o homem é obrigado a fingir sentimentos estranhos à sua natureza mais autêntica, tornando-se hipócrita [ou, excessivamente civilizado!].

O agregado José Dias, por exemplo, precisaria melhorar muito para chegar a ser apenas um hipócrita. Logo no início da narração, ele se apresenta como um médico-homeopata sem, evidentemente, sê-lo, em flagrante falsidade ideológica. Podemos vê-lo como um típico caso de transtorno de personalidade, nome novo para uma antiga classe conhecida, a personalidade psicopática. Segundo K. Schneider, o referido personagem se alinharia perfeitamente com os *ostentativos, ou hiper necessitados de valorização social*: sempre sedutores, irritavelmente adúlteros, histriônicos, para serem notados, com expressões superlativas, de altruísmo bastante duvidoso.



4. UM SONHO

Dom Casmurro evoca um interessante sonho: **“Como estivesse a espiar os peraltas da vizinhança, vi um destes que conversava com a minha amiga ao pé da janela. Corri ao lugar, ele fugiu; avancei para Capitu, mas não estava só, tinha o pai ao pé de si, enxugando os olhos e mirando um triste bilhete de loteria. [...] o peralta fora levar-lhe a lista dos prêmios da loteria, e o bilhete saíra branco. Tinha o número 4004”**.

Pádua, o pai de Capitu, comenta a bela e misteriosa simetria dos algarismos. A menina oferecia ao sonhador Bento, **“com os olhos todas as sortes grandes e pequenas. A maior destas devia ser dada com a boca”**. Ela sai por uma rua deserta, mas Bento limita-se em pegar-lhe as mãos, quando então acorda.

Com freqüência Machado faz referência a sonhos este romance foi publicado em 1900, mesmo ano em que saiu *A Interpretação dos Sonhos* de S. Freud. Teria Machado já entrado em contato com esta obra?

Às mais fortes emoções que aí aparecem, ousaríamos dar as seguintes interpretações analíticas, formais e funcionais: espiar os possíveis rivais, trazendo em cena o clima persecutório básico da situação onírica, com a desconfiança e o medo à traição; esses rivais peraltas seriam desdobramentos do próprio Bento, representando aqui seus núcleos persecutórios inconscientes; a busca do prazer pela satisfação de seus desejos diante daqueles “olhos” e do possível beijo no objeto amado; o clima da perda vivida pela frustração do personagem pai Pádua - Bento desejaria ser o “pai” da situação, ganhando a sorte grande - não esqueçamos que o sonho é de Bento e, portanto, tudo que aí aparecer, dirá respeito a dimensões de si mesmo; sua impotência para iniciativas eróticas mais ousadas, visto que, apenas dá um aperto de mãos em Capitu, apesar da deserta rua; satisfação de suas necessidades compulsivo-ritualísticas, manifestando-se pela simetria dos algarismos do bilhete de loteria, permitindo defender-se de seus vetores psíquicos ambivalentes, pois qualquer o sentido dado à leitura do número, ele seria sempre o mesmo: “4004”, um número com metades especulares, isto é, se 40 olhar-se de frente ao espelho, verá seu reflexo 04: a sua

imagem especular, como a de **“duas caras-metades que se complementam”**; como **“um sendo a cópia do outro”**; como o **“casal perfeito: um nascido para o outro”**; como a busca de sua própria imagem no olhar do Outro, este Outro que nos desvela e revela; ora, sabemos o quanto Bento é sensível ao olhar de Capitu e, com que exclusividade, ele o reclama para si, assim, interpretamos essa numerologia onírica toda como sendo um forte desejo de Bento ter em Capitu um reflexo de si mesmo, resultado da fusão simbiótica primal com ela [reedição da relação primitiva mãe/filho]; de maneira bastante camuflada, é certo, único meio de ludibriar e ultrapassar todas as blitz de censura, tão bem assinaladas por Freud; finalmente, pontuamos que este foi um sonho angustiante que não cumpriu sua missão de zelar por seu sono, tal que, desperta logo em seguida, na solidão de seu dormitório.

5. O AMIGO ESCOBAR

No seminário conhece o curitibano, três anos mais velho, Ezequiel de Souza Escobar. **“Era um rapaz esbelto, olhos claros, um pouco fugitivos, como as mãos, como os pés, como a fala, como tudo. [...] A princípio fui tímido, mas ele fez-se entrado na minha confiança. Aqueles modos fugitivos cessavam quando ele queria, e o meio e o tempo os fizeram mais pousados”**. A amizade entre os dois cresce e, passadas cinco semanas, Bento esteve a ponto de lhe abrir suas intimidades todas, no que foi refreado por Capitu.

Bento não era feliz no seminário, e só pensava de lá sair o mais depressa possível, mas acabou afeiçoando-se àquela vidinha. **“Os padres gostavam de mim, os rapazes também, e Escobar mais que os rapazes e os padres”**.

O amigo **“era das cabeças aritméticas de Holmes”**; exibindo sua facilidade com os cálculos, rapidamente chegara à renda total dos aluguéis das casas de Glória. Bento se entusiasma com o amigo, e não pode **“deixar de abraçá-lo. Era no pátio; outros seminaristas notaram a nossa efusão; um padre que estava com eles não gostou”**.

A reprovação se fez pela advertência:- **“A modéstia, disse-nos, não consente esses gestos excessivos; podem estimar-se com moderação”**. Continua Dom Casmurro:- **“Escobar observou-me que os outros e o padre falavam de inveja e propôs-me viver separados”**. A efusão é “notada”, comentários de inveja já são falados pelos outros e pelo padre. Mas não importa, pois o melhor é criarem um mundo à parte para si, “viver separados”. Bento, ao contrário, prefere desafiná-los, **“se era inveja, tanto pior para eles”**, o que, em outras palavras quer dizer: melhor para nós. **“Quebrems-lhe a castanha na boca!”**, isto é, **“Fiquemos ainda mais amigos que até aqui”**.

A situação parece característica e Dom Casmurro não evita em revelá-la para nós. Dois adolescentes indecisos encontram-se no seminário. O mais velho, Escobar, parece, ao mais moço, fugitivo, mas acaba por se impor; empurra as portas da afeição de Bento e se aloja no seu interior. Bento sente necessidade de confidenciar-lhe seu namoro com Capitu, ao que ela se opõe com determinação. Os olhos claros de Escobar deixam de ser fugitivos e, segundo José Dias, tornam-se “dulcíssimos”. Ao final de uma primeira visita de Escobar, por ocasião de doença de Glória, diz Bento, logo após o jantar:- **“Separamo-nos com muito afeto”**. Capitu nota o grande interesse de Bento por Escobar. E se indaga:- **“Que amigo é esse tamanho?”**

Escobar casa-se com Sancha, amiga de infância de Capitu e estreitam-se os laços entre os dois casais.

6. INTENSIFICA-SE O CIÚME. NASCE EZEQUIEL

Já casados, numa seqüência de dois bailes, intensificam-se as rumações ciumentas de Bento. Sua atenção se focaliza nos braços de Capitu, pelos quais era ele fascinado e torna-se convicto de que todos os homens também desejavam ardentemente aqueles braços e, de tal modo ficou, que não chega a haver um terceiro baile. Nesta altura Bento já tinha se confidenciado a Escobar, com ele trocando idéias.

As alegrias do primeiro filho e o aconchego do matrimônio, além do sucesso profissional, não foram suficientes para tornarem Bento mais sereno: estava sempre vigiando Capitu. O menor gesto o **“afligia , a mais ínfima palavra, uma insistência qualquer; muita vez só a indiferença bastava”**.

E Casmurro vai evocando: **“Cheguei a ter ciúmes de tudo e de todos. Um**

vizinho, um par de valsa, qualquer homem, moço ou maduro, me enchia de terror ou desconfiança”.

Percebe-se desde o início que Escobar e Capitu pareciam destinados um ao outro; a mesma decisão, a mesma ambição, o mesmo gosto pelo dinheiro. Quando procura uma forma de fugir do seminário, Bento só encontra planos absurdos; Capitu e Escobar, ao contrário, têm os pés fincados na terra e aí procuram solucionar o problema. Ela logo imagina que José Dias, por sua maleabilidade e astuciosa subserviência, poderia ser um advogado precioso. Escobar encontrará a fórmula salvadora, que consistia em pagar os estudos de outro seminarista.

A ambição de Escobar se revela na capacidade de calcular, no interesse que tem pelas propriedades de Bento; a de Capitu aparece, por exemplo, no episódio das “dez libras esterlinas”:

“[Capitu] confessou-me que estivera contando, isto é, somando uns dinheiros para descobrir parcela que não achava. Tratava-se de uma conversão de papel em ouro. [...]

- Mas que libras são essas ? - perguntei-lhe no fim.

Capitu [...] foi ao quarto e voltou com 10 libras esterlinas, na mão; eram as sobras do dinheiro que eu lhe dava mensalmente para as despesas. [...]

- Quem foi o corretor?

- O seu amigo Escobar.

- Como é que ele não me disse nada?

- Foi hoje mesmo.

- Ele esteve cá?

- Pouco antes de você chegar; eu não disse para que você não desconfiasse”.

Embora possa se compreender que Capitu pudesse ter sido induzida pelos pais a gostar de Bento, em virtude da ascensão social que disto poderia resultar, e que, depois tivesse encontrado em Escobar o seu verdadeiro par, isso não esgotam as dúvidas que vão surgindo.

E já vimos em Machado que o processo de ascensão social apresenta-se através do casamento. Porém, a busca do dinheiro deixa de ser uma necessidade imposta socialmente, para se transformar, aqui, num impulso individual, que se disfarça de várias formas, até sob a forma de amor.

7. UM MOMENTO CRÍTICO

Bento vai a uma estréia de ópera sem Capitu, que alega estar indisposta **“mas quis por força que eu fosse”**. Porém, preocupado com a esposa, retorna logo após o primeiro ato e, flagrantemente, surpreende **“Escobar à porta do corredor”** de sua casa.

- “Vinha falar-te disse-me ele. [...] Vinha para aquele negócio dos embargos...”

Casmurro descreve esta tamanha coincidência, entre o mal-estar de Capitu e a inesperada visita do amigo Escobar, de maneira um tanto irônica. Ao ver Capitu nota que **“estava melhor e até boa. [...] Escobar sorriu e disse:**

- A cunhadinha está tão doente como você ou eu”.

8. UM ESQUECIMENTO DE CAPITU

Um vendedor de cocadas cantava o pregão:- **“Chora, menina, chora/Chora porque não tem/Vintém ...”**

Capitu esquece-se deste pregão ouvido na rua por ela e Bento, à época do namoro, e isto põe o amigo de Escobar em estado de prontidão. Nos tempos de estudante havia pedido a um professor de música que escrevesse a partitura desta melodia. Buscou-a e fez que Capitu a tocasse ao piano **“as dezesseis notas”**. Não esquecê-lo havia sido uma jura de amor daqueles tempos. Por isso, ela é censurada por Bento como se tivesse cometido uma falta muito grave. Este esquecimento de Capitu poderia, algum tempo depois, entrar no trabalho de Freud, *Psicopatologia da Vida Cotidiana*, de 1901. Por que iria lembrar-se Capitu deste pregão? Para chorar? Por não ter vintém? Entretanto, houve também, neste episódio,



uma associação por contraste (paradoxal), na qual Capitu tem a fantasia de mandar Bento à Europa, por sua conta, se realmente fosse rica.

Nesta interpretação Machado antecede Freud. O despertar de seu ciúme, naquele momento, não poderia ser reduzido somente como consequência das descobertas dos lapsos psicanalíticos da memória. Casmurro chega a pôr em dúvida os sentimentos e as virtudes da pequena Capitu, em vez de apenas não ter dinheiro para comprar as cocadas.

Nem sua mãe, Glória, escapa dessa cadeia de idéias prevalentes e busca incessante de significados vivenciados que pudessem comprovar a conexão, percebida somente por ele, dos estranhos fatos que se desenrolavam. Bento julga que sua mãe está **“um tanto fria e arredia”** com Capitu e, até mesmo, **“fria também com Ezequiel”**, seu único neto.

O triângulo primitivo é reeditado. Bento, órfão de pai, o recompõe agora com Escobar e Glória. Há mesmo alusões ao suposto desejo do jovem senhor, que **“aparentava quarenta anos”**, hábil em calcular, de haver projetado tornar-se marido da possuidora de tantas casas e escravos. Esta interpretação é feita por prima Justina, como sendo Escobar **“pretendente às segundas núpcias de D. Glória e por Bentinho, retrospectivamente, como a de um excelente comanditário aos seus prósperos negócios de café”**.

Por determinação inconsciente e, em obediência aos princípios da economia e de repetição de Freud, a mulher Capitu, substitui a mãe Glória, e restabelece-se a tríade de Sófocles, Escobar-Capitu-Bento. O ciúme seria, assim, apenas uma reedição da humana condição primitiva.

A maneira como José Dias trata Ezequiel, **“o filho do Homem”**, aborrece Capitu, mas para Bento isto já englobaria também a sua preocupação em corrigir Ezequiel, com suas imitações do agregado na maneira de andar, e com os meneios de olhos e cabeça de Escobar, que também tendo uma filha, Capituzinha, cisma de como ambos se parecem, o que para si já significaria terem o mesmo pai.

9. A MORTE DE ESCOBAR

Bento, no velório de Escobar, é tomado pela fantasia da sedução e conquista de Sancha, fundida com lembranças do convite do amigo de lhe apalpar os braços. Dizia lá Escobar: **“Tenho entrado com mares maiores, [...] em hora bravia. É preciso nadar bem, como eu, e ter estes pulmões, disse ele batendo no peito, e estes braços; apalpa”**. Dom Casmurro recorda-se: **“Apalpei-lhe os braços, como se fossem os de Sancha. Custa-me esta confissão, mas não posso suprimi-la; era jarretar [amputar] a verdade”**.

Esta cena é importante, não tanto pelo apalpar dos braços de Escobar, mas pelo conteúdo erótico de que é investida a manipulação, projetada agora em Sancha, por quem Bento está momentaneamente interessado. O mecanismo projetivo, como defesa do ego, é uma constante na personalidade de Bento e grande parte da formação de seu ciúme resulta disso. Sua sensibilidade apresenta um outro aspecto defensivo do ego, o recalque, isto é, custa-lhe confessar a infidelidade ao amigo, quando, na verdade, a repressão lhe impede de tomar consciência de sua inclinação homoerótica por Escobar. Em outras palavras, a suposta verdade, a cobiça por Sancha, que não é amputada do consciente, mascara a verdade de fato, sepultada no inconsciente de Bento, qual seja, o desejo homoafetivo por Escobar, que permanecerá vivo, hiperativo e capaz de manifestar-se disfarçadamente em suas atitudes.

Após a encomenda do corpo de Escobar, chega o momento mais comovente, o da despedida de Sancha que, amparada por Capitu, compõe um quadro dramático, **“homens choravam também, as mulheres todas. [...] Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. [...] Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas”**.

Observando a cena, Bento passa a espreitar o olhar enxuto de Capitu, dirigido às demais pessoas presentes no velório. Embora ela quisesse sair dali, afastando-se juntamente com Sancha, **“o cadáver parece que a retina também. [...] Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva [...] grandes e abertos”**. Neste

dato seguro e infalível, Bento tem a convicção da infidelidade da esposa. Poderíamos completar o título deste artigo:- *O Olhar de Capitu... através do qual o delírio possui Bento.*

Retornando do cemitério, Bento sente necessidade de estar só, para refletir e tomar alguma **“resolução que fosse adequada ao momento”**. Ao andar pelo Catete, entretanto, readquire sua capacidade crítica, certificando-se de que a **“viúva [Sancha] era realmente amantíssima”** e, revendo a situação de Capitu, conclui consigo mesmo **“que era a antiga paixão que me ofuscava e me fazia desvairar como sempre”**. Ainda não será desta vez que a imersão na atividade delirante se mostrará total e irreversível. Enquanto caminhava, seu núcleo psicótico é arrefecido, permitindo a correção lógica, racional e emocional, e harmônica, das vivências distorcidas há pouco apresentadas.

Bento era visto, **“a andar calado e aborrecido”**, mergulhando na depressão que chegaria a exibir-se em projetos de suicídio.

W. Griesinger defende a hipótese da psicose única, nome este que se presta a muita confusão. Não significa uma única doença ou psicose, mas a uma determinada evolução no adoecer, no psicotizar. Usemos um modelo: é como um passageiro de trem em viagem, que percorre sobre seus trilhos uma única estrada de ferro, tanto na ida quanto na volta, e parte da estação da Saúde Mental, em direção ao seu destino final, a última estação, chamada Demência. Este passageiro passará sempre pelas mesmas estações ao longo de seu trajeto, podendo parar em qualquer uma delas, ou seguir viagem: se parar, ficará um período de tempo nesta estação. Todo este roteiro de viagem é previsto e determinado pelo seu passaporte, o qual pode ser recolhido em qualquer uma das estações, impedindo seu portador de retornar ao início de sua viagem, ou a alguma estação precedente. Este passaporte chama-se Diagnóstico e, cada estação é um município chamado Transtorno Mental (TM), identificado por seu conjunto de sinais e sintomas próprios que lhe caracterizam e completam seu nome, por exemplo, TM Depressivo, TM Esquizofrênico etc. Se continuar a viagem, quanto mais longe for, mais acidentado será o caminho, mais inóspito será o TM, maior será a chance de se ferir, podendo deixar cicatrizes permanentes, bem como, maiores vão sendo os riscos de não haver mais possibilidade de retorno da viagem. Quem chegar à estação final: Demência, perde definitivamente seu passaporte de volta.

Na evolução dos quadros delirantes, como é o delírio de ciúme, há, com freqüência, uma parada na fase melancólica, como um estágio obrigatório para seguir viagem. Os estudos kleinianos da dinâmica das psicoses reconhecem e ratificam este trajeto que vai dos estados depressivos aos estados delirantes esquizo-paranóides.

E Bento foi um sofrido passageiro desse trem expresso e de trilha única. Por muitas estações ele cruzou, desceu e subiu, foi para frente, para trás e seguiu viagem novamente; não completou o percurso até o destino final, mas ele percorreu uma longa distância e lá teve seu passaporte cassado, tornando-se refém sem direito a resgate.

O auto-relacionamento de Bento permeado pela morbidez emite pseudópodes que se expandem universalmente pelo seu campo vivencial, fagocitando o próprio filho Ezequiel e transformando-o em prova viva do adultério de Capitu. Além dos seus olhos, **“as restantes feições, a cara, o corpo, a pessoa inteira”** iam configurando a anatomia de Escobar, e o esboço ganha forma e colorido com o tempo: **“Escobar vinha assim surgindo da sepultura, do seminário e do Flamengo”**. Os toques amorosos com o filho vão se tornando “repulsivos” e, em vão, Bento procura dissimulá-los.

Em 1911, Freud publicou *Notas psicanalíticas sobre um caso de paranóia (dementia paranoídes)* descrito auto-biograficamente. O estudo baseava-se no livro aparecido em 1903, sob o título *Memórias de um doente dos nervos*, de D.P. Schreber, ex-presidente do Senado saxão. O tema central do delírio de Schreber era o de sua transformação em mulher, para tornar-se capaz de conceber uma nova geração de seres privilegiados, salvadores da humanidade. Essa transformação se verificou em progressão sucessiva: na primeira fase, o médico era acusado de ser o autor das modificações de seu corpo, com a intenção de abusá-lo sexualmente. Ao final, à própria divindade cabia esse papel. Schreber faz questão de salientar que poucas pessoas foram, como ele, educadas em regime tão austero e, que tudo isso se fez contra sua vontade, mas que não podia deixar de reconhecer a peculiaridade de sua missão e o extraordinário meio usado para esse fim.



Freud pensa que, partindo dessa autobiografia, chegará a uma explicação geral da paranóia. No delírio de perseguição, o impulso homossexual, não reconhecido conscientemente, dá origem à seguinte formulação:- A partir da situação básica: “eu o amo” (homo) corresponde a resistência: “eu não o amo” (homo), “eu o odeio porque ele me persegue” (na verdade, é perseguido pelos seus próprios impulsos homoeróticos). Na erotomania, haveria as seguintes transposições: “eu não o amo” (homo); “na verdade eu a amo” (hétero); “porque ela me ama” (interpretação delirante: julga-se amado e vive em função deste falso amor). No delírio de ciúme, a situação é “eu não o amo” (homo), por projeção: “ela (a mulher, a amante, hétero) o ama”. É bastante extensa a rede tecida pelos principais mecanismos defensivos na psicodinâmica aceita neste quadro, tais como, fixações infantis, repressões, volta do reprimido, que poderiam explicar a existência de uma homossexualidade latente, capaz de dar origem a manifestações mórbidas, como o delírio de perseguição, a erotomania e o delírio de ciúmes.

Neste artigo estamos investigando se na história de Bento, no seu ciúme de Capitu, e na forma como se cristalizou seu delírio - a identificação do filho com o amigo - poderiam haver elementos que justificassem a fórmula homoerótica geral de Freud para a psicogênese de sua paranóia de ciúme.

Recordemos que, enquanto os olhos de Capitu são **“de ressaca”**, de **“cigana oblíqua e dissimulada”**, **“embuçados, fixos, abertos”**, Casmurro lembra de registrar que os de Escobar eram **“dulcíssimos”**. Na despedida em Matacavalos, nas preocupações recíprocas, na amizade fecunda, na intimidade dos corações, reforça-se, mais uma vez, a admirada indagação de Capitu:- **“Que amigo é esse tamanho?”**

O moralismo vitoriano europeu e a sociedade carioca do Segundo Império não permitiram a Casmurro tornar mais claras suas observações sobre o homossexualismo. No prognóstico do filho Ezequiel, afirma:- **“Não sairá maricas”**. Mais tarde, espanta-se quando o mesmo quer viajar só com rapazes e dele ouve o comentário depreciativo aos interesses femininos.

Costuma-se dizer que o ciúme é a ferrugem do amor, uma manifestação que requer investigação constante e multidisciplinar. Os ciumentos raramente procuram os psicólogos para avaliar seu grau de ajuste de personalidade. Somente chegam-nos os casos mais graves, em geral, trazidos pelos outros até nossos consultórios e que já se mostram irreversíveis, raramente permitindo uma investigação propedêutica de boa qualidade. Dom Casmurro é, nesse sentido, um documento clínico-literário precioso pelo seu realismo e veracidade.

Retomando o olhar de Capitu fitando o defunto Escobar, após a encomenda de seu corpo, podemos constatar que o que é percebido é pouco: em um olhar fixo e de olhos grandes e abertos, o significado é maior, ou seja, apaixonadamente fixo e devorador. A interpretação exorbitante consiste na igualdade com a viuvez, isto é, sofrimento da perda ante o cadáver do amante. Entre o fenômeno sensorial olhar, o modo de olhar, fixo, de olhos abertos e grandes, a vivência do significado anormal de apaixonado e capaz de tragar com esse olhar, e a interpretação racional que conclui com a convicção imediata e inabalável de que entre a dona dos olhos e autora do olhar e o cadáver teria havido uma ligação amorosa, há um hiato explanatório [*explanatory gap*], que as formas habituais do pensar não transpõem, mas que o humor delirante, como um caldo de cultura para bactérias, no qual o paciente está mergulhado, permite o crescimento das colônias infectantes do delírio.

O caráter mórbido da percepção torna-se patente à luz da convicção inabalável assim adquirida, a convicção delirante, a qual resiste a toda e qualquer argumentação lógica, decididamente implantada no centro da vida psíquica, imantada e capaz de atrair a seu âmbito todas as experiências vividas pelo paciente, e de deformar as reminiscências evocadas. A profunda transformação da realidade que se segue à percepção delirante é outro elemento demonstrativo da sua natureza patologicamente estigmatizante.

Cabe a K. Jaspers o mérito de haver destacado, entre os sinais e sintomas delirantes, o que foi por ele denominado percepção delirante. O processamento senso-perceptivo se realiza em dois tempos, isto é, foi desdobrado: a sensação e a primeira parte da percepção são normais; é patológica a segunda, significativa e conclusiva parte. Essa segunda fase tem apenas um valor pessoal, subjetivo e singular, não é de universal valia, não encontra apoio no senso comum.

Na volta do cemitério, Dom Casmurro sente necessidade de estar só, para cismar e

tomar uma **“resolução que fosse adequada ao momento”**. K. Conrad salientou a necessidade de reflexão que se impõe ao indivíduo dominado por uma idéia delirante.

Bento torna-se brutal com Capitu e, em uma tentativa de melhorar as coisas, envia Ezequiel para o colégio interno da Lapa. Nada melhora com a ausência do menino.

Na insônia, a idéia de auto-extermínio toma forma. Os tratados de psiquiatria registram a frequência dos pensamentos suicidas nas madrugadas de insônia. Numa destas manhãs, Bento corre à farmácia e compra uma substância que, guardada no bolso, pareceu-lhe ser a própria sorte grande. Escreveu cartas e deixou a despedida materna por último, visitando-a pessoalmente. No entanto, sente-se muito bem em casa de sua mãe, o que lhe dissuade de seu primeiro projeto suicida.

L. Binswanger, em “Mania e Melancolia”, investiga a súbita suspensão dos projetos de suicídio: basta que algo cause interesse, para que se restabeleça o nexos do eu- com-o-mundo, para o desejo de morte enfraquecer e mesmo apagar-se.

10. BENTO ASSISTE A OTELO

Do núcleo instintivo-afetivo de Bento emanam impulsos de destruição impondo-lhe pensamentos e ações numa direção egocentricamente dolorosa. Jantando fora, escolhe como passatempo assistir a representação de *Otelo*, tragédia de W. Shakespeare, escrita em 1694. Embora confesse que não lera nem nunca assistira a tal peça, admite que **“sabia apenas o assunto”** e, portanto, não é por acaso que chega a ela.

Bento vê no mouro de Veneza o seu duplo: **“Vi as grandes raivas do mouro, por causa de um lenço, um simples lenço! e aqui dou matéria à meditação dos psicólogos deste e de outros continentes, [...] Os lenços perderam-se, hoje são precisos os próprios lençóis; alguma vez nem lençóis há, e valem só as camisas”**.

Interessante é notar que Shakespeare intuiu que este tipo de ciúme tem força própria, como se fora um complexo sintomático autônomo. O caráter de Otelo, diz o texto, não é afetado pelas paixões: - *“uma natureza que a paixão não pode sacudir”*. Desdêmona afirma a respeito de Otelo: - *“creio que o sol sob o qual ele nasceu secou nele todos os humores do ciúme”*. O próprio Otelo é quem diz: - *“não ser facilmente ciumento”*. Ora, parece-nos que o ciúme, quando patológico, é algo exógeno, vem de fora para dentro, ou seja, é egocêntrico e serve apenas de mote, pretexto, ou gancho para a verdadeira patologia, a própria substância delirante a se manifestar. Assim, purgando o abcesso de dentro para fora, egocentrifugamente, o transtorno não dá opção ao paciente. Ele é obrigado, por necessidade imperiosa, a obsedar, a delirar, a alucinar - quando for o caso - e a quantos mais sintomas surgirem; não é voluntário, é imposto compulsoriamente. É como tossir quando se tem catarro nos brônquios; é a perda total de liberdade que a doença mental traz. É curioso perceber que o conceito popular que se tem da loucura é absolutamente equivocado.

Emília, mulher de Iago, afirma: - *“O ciúme [patológico] é um monstro que se gera em si mesmo e de si mesmo nasce”*. Desse modo, o papel de Iago poderia até ser dispensável para dar curso à tragédia.

Por este prisma, acreditamos que Bento, tal como Otelo, também foi vítima deste mesmo mal. Ele não precisava de um Iago fora de si, pois já o trazia interiormente nas suas rumações obsedantes - são os mistérios da paixão, em que o sentido global não se reduz a nenhuma causalidade explícita. Como diz J. Coli: - *“Em realidade, nenhuma causa, nenhum porquê são suficientes; toda razão para os atos dos personagens parece sempre irrisória, mesmo e sobretudo as análises de ordem psicológica. [...] O século XX inventou o analista mas matou o trágico, e a mais sublime tragédia deste mundo, como dizia Machado, cabe num lenço”*.

Creemos que este ciúme não é somente intelectual ou mesmo, de todo, sentimental. Este ciúme patológico alinha-se com o escólio da proposição 35, da 3ª parte da *Ética*, de B. de Espinosa, que diz: - *“Quem imagina que a mulher que ama se entrega a outro entristecerá, não somente porque seu próprio desejo estará reduzido, mas também porque é obrigado a reunir a imagem da coisa amada às partes pudendas e excreções do outro, e terá aversão a ela”*.

Aqui, junta-se ao ciúme uma dimensão corporal: com determinantes inconscientes predominantemente hétero ou homossexuais, tanto faz, imaginar-se o objeto de sua paixão compartilhando seu úmido orgasmo com as secreções glandulares mais íntimas do outro, é sentir-se sujo, com a pior das sujeiras. Para Bento, Cássio e Escobar fundem-se com Capitu num mesmo caldo impuro.

Otelo fala sobre Desdêmona, que em grego significa a infortunada, no 3º ato:-

“Quando eu não mais te amar, será o retorno do caos”. E, Casmurro observa: - “[Isso tudo por] um simples lenço”. A tragédia humana entra no terreno do *pathós*, (em grego, sofrimento), e, por isso mesmo, em clínica, diz-se que é patológico e, em assim sendo, apresenta uma lógica sui generis que se assenta sobretudo no absurdo e no inexplicável, como em um delírio. O acaso é instrumento da fatalidade, e a fatalidade dá um sentido aos acontecimentos trágicos e ao mundo. Está claro que existem acasos menos casuais que outros, coincidências que passam a ser significativas, a que Jung chamou de sincronicidade. O acaso revela a possibilidade humana de constatar os infindáveis mecanismos do universo, mas também, a impossibilidade de se atingir suas profundas razões. Se elas existem ou não, pouco importa: o homem é condenado ao absurdo.

Retomando Otelo: quando desaparece o amor, ressurge o caos. Em outras palavras, o amor impõe ao caos o cosmos, à desordem ele instaura a ordem. Em outras palavras, a entropia fenece diante do amor.

Otelo e Desdêmona em nenhum momento deixam de se amar. A morte deles dá-se no leito que os une afetiva e carnalmente; são vítimas e ao mesmo tempo virtualmente vitoriosos contra o poder desagregador do caos, porque são portadores de um princípio harmônico num mundo de desordem e que levam para sempre consigo: o amor. Entre Bento e Capitu, a entropia sai folgadoamente vitoriosa.

11. O PANO-DE-FUNDO RELIGIOSO DE BENTO

Lembremos que a mãe de Bento é exageradamente religiosa e, muito do que acontece a Bento - senão quase tudo - deve-se à sua fatídica promessa ao divino. No acertado dizer de Capitu, ela é uma beata. Bento nasceu na roça, sob o total domínio do rito eclesástico, e tendo assimilado os hábitos da crença materna, freqüentava as missas, as leituras dos testamentos, os sermões, com assiduidade de papa-hóstita.

Até que ponto a influência cultural da Igreja o teria atingido na gênese de seu ciúme? Teria sido uma causa necessária e suficiente? Um fator desencadeante, agravante ou atenuante? A narrativa de Dom Casmurro não é muito reveladora neste sentido.

Os textos bíblicos são percorridos por uma seqüência incessante de ciúme, traição, vingança e morte. Na tradição judaico-cristã, o Deus único, Javeh, apresenta-se como um Senhor que não tolera nenhum outro deus além d'Ele, e que Se descreve a Si mesmo como tão ciumento a ponto de punir severamente aqueles que transgredirem Suas determinações, e que será misericordioso para com aqueles que o amarem “acima de todas as coisas”.

Certamente o pároco da igreja freqüentada por Bento teria alguma vez citado, por exemplo, de quando o povo judeu, na longa travessia do deserto, ouve: - “Eu o Senhor seu Deus, sou um Deus ciumento” (Êxodo 20:5). E quando Moisés repete: - “O Senhor, cujo nome é Ciumento, é um Deus ciumento” (Êxodo 34:14). Em, I Reis 14:22, diz-se de Deus: - “Pelos pecados que eles cometeram, eles incitaram Sua fúria ciumenta”. Em, Joel 2:18, “então, o Senhor terá ciúme de Sua terra e será piedoso com Seu povo”.

Ainda que o ciúme aqui indicado possa se apresentar por diversos ângulos de interpretação às várias exegeses bíblicas, e que as traduções das palavras *qinné* ou *qineah*, em hebraico, e da palavra *zeloó*, em grego, possam ambas serem traduzidas por 'ser ciumento' ou 'ser zeloso', não cremos que o adolescente Bento já fosse tocado por tão profundas curiosidades teológicas.

Entre as Leis que Moisés recebeu do Senhor, no Monte Sinai, uma se refere diretamente ao ciúme amoroso, sem qualquer dúvida de interpretação ou de tradução: é a Lei sobre o ciúme (Números 5:11-31) que se aplica à mulher, por flagrante delito ou simples suspeita, de ter sido infiel ao seu marido. Ela que, com ou sem motivo, deixou seu marido abrigar suspeita de adultério, deverá ser levada à presença de um sacerdote e submetida a um ritual complexo, em que será obrigada a ingerir uma “misturanga” de cevada e areia, dissolvida em água benta, sobre a qual o sacerdote previamente tenha pronunciado maldições e que terá o poder mágico de revelar a verdade. O texto bíblico deixa claro quanto ao destino desta mulher, se ela for realmente culpada: o pagamento pela maldade será o seu apedrejamento até à morte: no entanto, deixa omissos no caso da suspeita ser infundada. Até aqui, o Antigo Testamento alimentaria os ânimos furiosos do beato Bento traído.

Entretanto, nos Evangelhos do Novo Testamento, Jesus, embora condene com severidade o adultério - veja-se em Mateus 5:31-32; Lucas 16:18 e, Marcos 10:11 - impõe a lei

do perdão e da liberdade às exigências absolutas da punição ao pecado.

Lembremos da passagem em João 8:3-11, quando os escribas e os fariseus trazem a Jesus uma mulher apanhada em adultério e dizem-lhe que a Lei de Moisés ordenava que fosse ela apedrejada. Testando-o Perguntam-lhe:- “*Tu, o que dizes?*”, ao que Jesus responde:- “*Aquele de vós que não tenha pecado, seja o primeiro a atirar uma pedra nela*”. E todos foram saindo um a um. E Jesus diz à mulher:- “*Nem eu te condeno. Vai e não peques mais*”.

Sabemos perfeitamente, da experiência psiquiátrica, que a doença mental aniquila qualquer tipo de fé, mesmo sendo a mais profunda fé religiosa. Por mais cristão que fosse, Bento não teria a opção conscientemente livre e sadia de mandar fazer-se cumprir o ensinamento sábio do Cristo com a suspeitosa Capitu, fato que não impede ao delirante convicto de sentir culpa. Nota-se, dessa forma, que são freqüentes os transtornos paranóide-melancólicos.

Sejamos, porém, menos crentes e carolas. Busquemos algum subsídio arquetipal para a mente transtornada de Bento - nada melhor que a mitologia grega, como em Eros e Psiquê, por exemplo. Mas, preferimos lembrar aqui de uma tragédia grega, *Medéia*, que faz tudo em nome do amor e de uma justiça amoral. Dispõe-se a matar seu pai e seu irmão para proteger seu amado Jason. Quando, porém, dá-se conta que o está perdendo para outra, não hesita em envenenar a rival e sua mãe, matando em seguida seus próprios filhos, num gesto de brutal ciúme vingativo.

A lenda de Medéia foi expressa por Eurípedes, que deu origem a uma tradição literária repetida por vários autores, como Sêneca, nascido em Córdova, o francês Corneille, o espanhol Zorrilla, os nossos Chico Buarque e Paulo Pontes com a peça *Gota d'água*.

Mais uma vez mostra-se aqui a íntima correlação do ciúme com a insanidade, a violência e a morte, prova cabal de que isto tudo provém das mesmas raízes fincadas na mais profunda capacidade destrutiva humana. Pelo menos é o que se depreende como marca da cultura ocidental.

12. A REVELAÇÃO DO CIÚME A CAPITU

Já de volta em sua casa, espera pelo mordomo trazer-lhe o café. Aos tremores, Bento derrama a substância na xícara, **“os olhos vagos, a memória em Desdêmona justificada”**. É possível indagar-nos: por que não pensou Bento em Capitu? Essa indagação é respondida pelo fenômeno inconsciente do deslocamento, que consiste em um mecanismo de defesa do ego, e que procura alívio nos símbolos, um representante substituto da pessoa real que está gerando a ansiedade. Desdêmona é, então, Capitu.

A seguir, Ezequiel entra em cena, gritando: **“Papai! Papai!”**, que lhe corta, novamente, seu segundo impulso suicida, o qual se transforma, com violência no desejo de liquidar o filho. **“Chamem-me embora assassino; não seria eu que os desdiga ou contradiga; o meu segundo impulso foi criminoso”**.

As variações de humor de Dom Casmurro oscilam entre as extremas agressividades auto-punitiva e vingativa. Não é de se estranhar que o quase-suicida se transforme num filicida. O paciente paranóide passa freqüentemente por mutações bruscas: de espiado em espião, de condenado em carrasco, de perseguido em perseguidor. Ainda nesta cena, a ambivalência afetiva e a ambitendência volitivo-ativa domina e o pai encontra-se doidamente beijando o filho, mas esse afeto paterno dura pouco, pois logo veneno mais sutil é injetado na alma infantil:- **“Não, não, eu não sou teu pai!”** Uma tríplice negação, tão mortal para a alma, como a substância jogada à xícara o seria para o corpo.

Capitu presencia a cena e chega o momento de Bento ter que lhe revelar seu ciúme, e o faz na simples declaração:- **“Que não é meu filho”**. Pressionado a dizer mais, se cala: **“Há coisas que se não dizem”**. Capitu atira-lhe irônica e melancolicamente:- **“Pois até os defuntos! Nem os mortos escapam aos seus ciúmes!”**

Mais um trecho do texto, de importância patopsicológica, é quando Ezequiel retorna chamando pela mãe, pois estava no horário da missa.

- **“Capitu e eu, involuntariamente, olhamos para a fotografia de Escobar, e depois um para o outro. Desta vez a confusão dela fez-se confissão pura”**.

A entrada do filho é o estímulo externo percebido, trazendo-lhe à “realidade”. Origina-se aqui a percepção delirante que o faz interpretar a condição involuntária do duplo olhar à fotografia e entre si, como sendo mais uma confissão da traição de Capitu. Como se ela lhe indagasse com satisfação:- **“Como são parecidos, não?”** Capitu e o filho mudam-se

então, para a Suíça.

Está formado o quadro delirante que, mais tarde, no velho Casmurro, declinará, e tornar-se-á atenuado ao serem afastados os estímulos externos irritativos, mas a personalidade conservará no estado de defeito final, a deformação do processo mórbido. Atua, agora, nele “um homem novo”.

Dentre os postulados da psiquiatria, podemos colocar o da decisiva importância da personalidade pré-mórbida para a compreensão e a configuração do quadro clínico: não delira quem quer, delira quem pode. Para delirar é necessário uma predisposição que se fundamenta na personalidade pré-mórbida. Esta é a condição de Bento: o processo transformara-o de puro, lerdo no despertar de seu instinto sexual, indeciso na escolha do objeto de amor, num Casmurro roído pelo ciúme delirante, sepultando no inconsciente o amigo-cadáver, e no seu dia-a-dia atormentado pelo filho, sósia do morto. Essa transformação aparecia aos seus próprios olhos como uma descoberta, feita mercê de “*impressões novas e fortes*”. Na verdade, o homem não é inteiramente novo, pois a semente guardada dentro do fruto surge, o inconsciente de Casmurro expressa de forma lapidar: **“Nesse caso era um homem apenas encoberto”**. Intuição perfeita de Machado, que precede a psicanálise e todos os trabalhos sobre as raízes psicológicas da loucura.

No autismo, como no delírio, são comuns as ilusões da memória, as falsificações das lembranças, que trazem, em suas deformações, a marca da catatimia, isto é, o afeto contaminando e direcionando a razão. Nos desvios patopsicológicos - nos estados depressivos como nos estados paranóides - a memória aumenta, deforma, desfigura, reagrupa, reorganiza os engramas na linha condutora do sentimento dominante; ou seja, o nada, o quase-nada se transformam em tudo. A força aglutinadora do delírio chama a si todas as recordações.

A solução final é um puro mecanismo de anulação e regressão como defesa do ego. Bento isola Capitu e o filho na Suíça, e o desaparecimento de sua esposa é dito da forma mais sintética, quando, anos depois, por ocasião de inesperada visita do filho, já na casa do Engenho Novo, lhe diz: **“A mãe creio que ainda não disse que estava morta e enterrada. Estava; lá repousa na velha Suíça. [...] Morreu bonita concluiu”**.

Ezequiel estudara arqueologia e queria fazer uma viagem científica ao Oriente Próximo e, para tanto, pede o apoio do pai, que consigo resmunga: **“uma das conseqüências dos amores furtivos do pai [Escobar] era pagar eu as arqueologias do filho”**. Uma maldição termina o pensamento: **“antes lhe pegasse a lepra...”**

“Não houve lepra”, mas de tifo morreu Ezequiel nas imediações de Jerusalém.

13. CONSIDERAÇÕES SOBRE O DELÍRIO

À luz da patopsicologia, a história é típica de um delírio de ciúmes, que encontra por base uma *personalidade pré-mórbida introvertido-esquizotímica*. Segundo a escola francesa, temos em Bento uma paranóia de ciúmes, e um conjunto de idéias inicialmente prevalentes e egossintônicas [buscadas voluntariamente pelo paciente], passando, em seguida, pela evolução do agravamento clínico, para idéias obsessivo/delirantes e egodistônicas [que se apresentam contra ou independentemente da vontade do paciente], Estas impõem-se de maneira necessária e imperiosa, tomam conta da personalidade predisposta, dominando o curso e o conteúdo do pensamento, e criando uma atmosfera suspeita: o *humor delirante*, o qual, em seguida, desponta no *auto-relacionamento mórbido obrigatório*, contaminando todas as experiências vividas pelo paciente. A liberdade pessoal está comprometida, uma vez que a personalidade torna-se presidiária da roda viva do delírio.

À fase de indefinição do ciúme e à simples expansão do sistema delirante, segue-se a de sua sistematização, com o aparecimento de percepção e interpretação delirantes. Bento cai no mundo dos fantasmas, da melancolia, dos impulsos suicidas e homicidas, e transforma-se num homem novo [despersonalização], assim como seu mundo [desrealização], com o esvaziamento afetivo, a incapacidade de criar novos laços amorosos, a esquisitice e a bizarrice do comportamento. No entanto, D. Casmurro conserva uma relativa capacidade de recompor seu passado.

O ciúme é uma emoção humana universal. A distinção entre o ciúme “normal” e “patológico” é extremamente difícil. Em 1994, 351 indivíduos foram entrevistados e todos responderam positivamente, a pelo menos um dos quesitos referentes ao tema do ciúme, mas menos de 10% deles, reconheceram que seu ciúme estivesse trazendo algum transtorno em

seu relacionamento amoroso.

As definições de ciúme teriam em comum três principais atributos: 1) ser uma reação frente a uma ameaça percebida; 2) haver um rival real ou imaginário e, 3) a reação visar eliminar os riscos da perda do amor.

A manifestação do ciúme tem sua roupagem que segue a moda cultural, isto é, obedecendo aos usos e costumes de uma dada região numa determinada época. No século IV, o ciúme relacionava-se com paixão, devoção e zelo, à preservação de algo muito precioso e não era visto como algo de possessividade e desconfiança. Nesta época, Agostinho teria dito que *“quem não tem ciúme não ama”*.

Nas sociedades monogâmicas, o ciúme está ligado às questões de moral e honra. Seria um instrumento de proteção à integridade da célula familiar. Driblando a seleção natural, haveria adaptação convergentemente evolutiva à questão da identificação de paternidade e a satisfação das necessidades maternas de um ambiente estável à criação da prole. Ainda hoje, ao nosso ver obedecendo a este imperativo categórico biológico-evolutivo, dá-se maior ênfase à fidelidade feminina, do que à masculina. Este fato parece-nos atenuar-se pelas mudanças culturais que a mulher vem conquistando, especialmente nos grandes e prósperos centros urbanos, onde muitas vezes é o pai quem cuida mais da prole.

O ciúme patológico, conhecido como síndrome de Otelo, envolve pensamentos, emoções e comportamentos inaceitáveis, relacionados com a infidelidade do Outro. A base do ciúme patológico estaria mais na sua irracionalidade (qualidade), do que na sua excessividade (quantidade).

O ciumento mórbido, com muita freqüência chega a cometer atos violentos, sendo esta área de grande importância no exercício da psiquiatria forense. A violência que chega a ser policialmente registrada é muito menor do que a que acontece de fato; a maioria das vítimas são as mulheres, que raramente dão queixa em virtude das ameaças feitas pelo agressor. O ciúme patológico é causa freqüente de homicídios, às vezes seguido de suicídio e que, no entanto, pouco aparece nos processos legais e jurídicos.

O delírio de ciúme é comum em alcoolista. O psiquiatra alemão R. von Kraft-Ebing, em 1891, foi, após Marcel, psiquiatra francês, quem primeiro documentou este sintoma, encontrando-o em 80% dos dependentes de álcool. A.P. Noyes destacou a impotência sexual ocorrida em alcoolista, como também em diabéticos e idosos, como importante fator gerador de ciúme, com delírios de infidelidade. Nas mulheres, isto pode ocorrer quando se sentem fisicamente menos atraentes ou com menor apetite sexual, como na gravidez, no puerpério ou na menopausa.

Existem alguns dados esparsos sobre a origem do zelo que se mantém nos limites do comportamento socialmente aceito, mas maiores evidências foram acumuladas acerca do ciúme patológico. O Fenichel, ao resumir o assunto, diz que não há relação entre o ciúme e a intensidade da gratificação amorosa. As pessoas inclinadas ao ciúme são, ao contrário, um tanto versáteis em seus interesses, e tornam-se subitamente zelosas de objetos que não despertavam especial inclinação, até que qualquer circunstância estranha tenha posto em movimento seu ciúme. Acrescenta em seguida: *“a mescla de depressão, agressividade e inveja, que o ciumento revela ao temer seu amor, mostra uma especial sensibilidade para a frustração. Para muitos significa uma perda da auto-estima. Nas sociedades em que a mulher é considerada como propriedade do marido, as manifestações de ciúme são mais marcadas por esse sofrimento no domínio narcísico”*.

Convém ainda lembrar que, na situação atual do adulto, há sempre a repetição de uma anterior, vivida na infância: para Freud, isso ocorre sempre em relação com a situação edípica. Sem aceitar a redução simplificada desse ponto de vista, não se pode deixar de levar em conta a importância de toda a sexualidade pré-genital na conformação da personalidade e de muitos traços de caráter. Freud, ao rever em 1922 o tema, num trabalho denominado *Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e na homossexualidade*, distingue três camadas ou graus de ciúme: 1) concorrente ou normal; 2) o projetado, e 3) o delirante. Mesmo para o ciúme normal, Freud não encontra uma motivação racional e, portanto, não corresponderia a uma situação atual, real, proporcional e capaz de ser dominada pelo ego consciente; o ciúme normal teria, também, raízes inconscientes, originárias no triângulo edípico, ou na inveja dos irmãos, ocorrida nos primeiros anos de vida. Encontraríamos, na sua estruturação, um amálgama de sentimentos, como o luto, pela suposta perda do objeto amado, a afronta narcísica e os sentimentos hostis dirigidos ao rival, tido como preferido. Além disso, a capacidade de autocrítica estará sempre comprometida. Freud não faz referência às conseqüências possíveis de, a todo ciúme, juntar-se sempre a dúvida. Otelo sabe bem disso

ao dizer que, “*com a certeza, desapareceriam o amor e o ciúme*”. Nesta fase, ainda considerada como normal, do ciúme de Dom Casmurro aparecem “dúvidas sobre dúvidas”, que tornam a sua afetividade instavelmente oscilante, com altos de expressão amorosa, seguidos de baixos com desejos de vingança.

No ciúme projetado, Freud mostra que ele é resultado da projeção no outro da própria infidelidade realizada ou não, isto é, dos impulsos à infidelidade que foram bloqueados pelo processo do recalque. Essa forma de ciúme pode acompanhar tanto a normal, quanto a mais grave forma delirante.

Quando Bento fantasia a conquista de Sancha, vendo nos olhos da amiga sinais de promessa e, no aperto de mão, um estímulo às suas esperanças, manifesta impulsos ostensivos de infidelidade. Este mecanismo faz Bento julgar, na cena do olhar ao corpo de Escobar por Capitu, que se trata de uma demonstração de infidelidade, levando-o ao ciúme projetado, fundido-se às suas tendências zelosas, que deflagram a eclosão do ciúme delirante, através de uma percepção patologicamente distorcida.

Para o ciúme delirante, Freud aceita o mesmo mecanismo projetivo da infidelidade do ciumento, mas o objeto amoroso é agora do mesmo sexo. Textualmente:- “*O ciumento delirante corresponde a uma homossexualidade abafada e confirma assim seu lugar entre as formas clássicas de paranóia*”. A estrutura básica defendida por Freud, ao interpretar o delírio de perseguição, que seria a verdadeira paranóia, chamada de delírio primário pelos autores alemães, seria válida também para o ciúme delirante.

Em 1910, K. Jaspers publicou um estudo, ainda hoje atual, sobre o delírio de ciúmes, em que distingue quatro graus na expressão do ciúme: 1º) O ciúme psicológico, com os aspectos e os limites reconhecidos por todos ao ciúme, que acompanha o amor, mas conserva sempre a capacidade da auto e heterocrítica, e que pode corrigir qualquer desvio não fundado na evidência dos fatos; 2º) O ciúme mórbido, que pode ter ou não algum fundamento na realidade, mas que já apresenta uma relativa diminuição da capacidade crítica, que é ainda consensualmente tolerada; 3º) O ciúme delirante, separa-se nitidamente dos anteriores, as idéias correspondentes ao afeto deslocado proliferam num jogo de observações, de evocações, ora esquecidas, ora neoformadas, com total perda da crítica, e 4º) O delírio de ciúme, com um conjunto de idéias sistematizadas, sempre fagocitando ao seu redor todas as vivências do campo da consciência.

Os autores franceses colocam o delírio de ciúme no grupo por eles criado, dos delírios sistematizados crônicos. H. Ey coloca-os entre as doenças mentais crônicas, chamando-os de delírios passionais e de reivindicação. A posição órgão-dinâmica de Ey assim se mostra:

“O delírio de ciúmes consiste em transformar a situação da relação amorosa do casal numa situação triangular. O terceiro introduzido entre os parceiros amorosos é um rival, e é sobre sua imagem que se projetam ressentimento e ódio acumulados pelas frustrações, que sofreu ou sofre o delirante ciumento. [...] O romance delirante aborda todas suas peripécias (mentiras, artimanhas etc.) e o delirante contra-ataca à custa de todos os meios ou de todos os estratagemas que lhe inspira a 'clarividência' que 'abre seus olhos'. Quando o delírio está formado, sistematiza um feixe de 'provas', de 'pseudoverificações', de 'falsas lembranças', de interpretações delirantes, de falsos reconhecimentos”.

E. Kraepelin (8ª edição IV volume p 1732) ressalta especialmente:- “[o delirante] reconhece em seus filhos traços nítidos do rival” e, mais adiante, acrescenta:- “São filhos da puta [!], dos quais afasta qualquer responsabilidade”. O estilo científico é mais chocante que o literário do período vitoriano e Dom Casmurro não só evita escatologias, como até financia a viagem de estudo em arqueologia de Ezequiel.

Do ponto de vista compreensivo-fenomenológico, há na personalidade de Bento as predisposições básicas para o desenvolvimento patopsicológico de um ciúme delirante. As manifestações precoces na adolescência, seu retorno na fase inicial do casamento, a sua compreensão relativamente preservada, a parcial conservação da auto e heterocrítica, revelam sentido de um desenvolvimento insidioso, lento e progressivo.

A partir do surgimento da percepção delirante, com a alteração mais profunda da personalidade, quando então é tomado pela convicção da identidade física de seu filho com o amigo, esta torna-se inabalável e propicia uma rede de conexões pelas interpretações delirantes, baseadas em vivências falseadas, e quando, ao verificarmos a alteração final, resfriada a atividade delirante, com o isolamento, a impossibilidade de novas ligações amorosas estáveis, a casmurrice, o diagnóstico pende para o delírio de ciúme.

Ainda poderíamos acrescentar, ao diagnóstico diferencial do ciúme de Bento, mais um elemento: a questão dos mecanismos obsessivos. Sua persistente ruminação mental em torno do tema do ciúme, sem dúvida, apresenta-se como uma ideação obsessiva. Quando é tomado pela idéia do suicídio, diz ironicamente:- **“Saí, supondo deixar a idéia em casa; ela veio comigo”**.

Sua tentativa de aliviar-se da ansiedade, com rituais de rezas, ficava no âmbito das promessas. **“Desde pequenino acostumara-me a pedir ao céu os seus favores, mediante orações que diria [mas as ia adiando e se amontoavam]. Entrei nas centenas e agora no milhar”**.

As passagens simbólicas de sua vida foram todas bastante ritualizadas: a iniciação no amor com Capitu, o primeiro beijo, a iniciação de sua amizade com Escobar. Talvez por ser estéril, e porque o filho desejado não vinha ao casal, Bento põe-se novamente a rezar, cremos que, mais para cumprir um ritual compulsivo, do que por fé no divino. O mais marcante dos rituais parece-nos o feito finalmente pelo próprio Dom Casmurro, que permite a demolição da casa de Matacavalos e, mais tarde, indo para o Engenho Novo, durante a construção da nova casa, vai dando explicações ao arquiteto, conseguindo fazer uma verdadeira réplica daquela velha casa do início de sua vida. **“O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui”**. Isto é, ficaram as aparências ritualísticas, esvaziadas de suas vivências essencialísticas. Dom Casmurro refere que **“todos os antigos [amigos] foram estudar a geologia dos campos santos”**. Nunca dispensando seu irônico pessimismo, lembrando dos amigos mortos, cumpre seu apocalíptico ritual de despedida da vida. Entretanto, para aliviar um tanto a angústia deste último conteúdo depressivo/obsessivo ideativo, substituí-o por outro, usando da escrita compulsiva. **“Esta sarna de escrever, quando pega aos cinqüenta anos, não despega mais”**. E assim, emenda ao final desta narração sobre sua vida, o início de outro ensaio, a “História dos Subúrbios”.

Recapitulando: percebe-se uma ideação obsessiva acrescida de ação ritualística compulsiva, desde a tenra convivência na casa dos três viúvos, em que já nasce predestinado por um ritual místico-religioso materno, que nos autoriza fechar-lhe um diagnóstico sindrômico de Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC), em que o ciúme de Bento apareceria somente como um sintoma a mais daquele amplo espectro clínico.

Nos dias de hoje, Bento, além de ser socorrido pelas psicoterapias, poderia ser muito beneficiado com os anti-depressivos serotoninérgicos de última geração, que têm mostrado excelentes resultados terapêuticos aos pacientes de TOC. Por exemplo, com Prozac, a história de Bento poderia ter tido um desfecho totalmente diferente :

- O de um marido... Traído? - Sim, mas feliz.

14.OBSERVAÇÃO DE UM PSQUIATRA DESCONFIADO

Pensamos que Machado/Bento/Casmurro está mais para mineiro do que para carioca: aquele nunca conta tudo que sabe e sempre guarda algo estratégico para ser usado no momento certo. Foram-nos sonegadas informações: estamos certos disto.

Amável leitor, você já viu algum marido traído não se sentir humilhado nesta situação? Claro que isto vale da mesma forma para a mulher. Mas, é típico que o macho vê-se ridicularizado publicamente: que foi passado para trás; que não deu conta das exigências domésticas; que já sabia, mas deixou passar; de que todos esperam vê-lo com um enorme chapéu para esconder seu estigma etc.

Este desconforto psíquico pode chegar a níveis insuportáveis, comprometendo a capacidade crítica do indivíduo. Se passar de um determinado ponto de ruptura, seu juízo dar-se-á fora de qualquer lógica, clássica ou paraconsistente. Dessa forma, estamos no domínio do delírio.

O psiquiatra alemão E. Kretschmer chamou este transtorno de *Delírio Sensitivo-Paranóide de Auto-Referência*. Refere-se àquela sensação de que todo mundo está reparando e fazendo piada a nosso respeito; ninguém escapa disto. Até certo ponto é normal tê-la. Mas, até certo ponto. Evidentemente, o Sr. Bento Santiago ultrapassou todos os pontos permitidos e disso tudo não há uma referência sequer em toda a narrativa. É de se estranhar:





muita vez, este é o sintoma que mais sofrimento traz em relação ao resto do quadro clínico!

Admitimos que Dom Casmurro seja um homem solitário, pois vive isolado em sua casa, apenas com um criado, mas Bentinho já era assim em Matacavalos. Parece-nos que casmurrice sempre foi característica de sua frágil personalidade. Seria de se esperar que ele fosse para longe. Não a esposa.

15. E SE BENTO TIVESSE LEVADO CAPITU AOS TRIBUNAIS?

O Código Penal do Império previa pena de prisão para a mulher adúltera. O homem adúltero somente seria condenado no caso de relacionar-se com uma concubina, como teúda e manteúda, em regime de segundo casamento.

Ora, Bento era advogado e, certamente conhecia o teor destes trâmites. Por que não teria ele procurado a Justiça para aliviar sua sede de vingança? Teria ele provas convincentes para colocar a esposa como ré perante os Tribunais?

Vingança esta duplamente potencializada, primeiro por se fazer justiça diante de suas convicções (delirantes?) e, segundo, por usar da prerrogativa machista da lei de sua época. É evidente a desigualdade no tratamento dispensado ao homem e à mulher que caracterizaria, por si só, a inconstitucionalidade destes dispositivos legais. Entretanto, ratificando a concepção daqueles tempos, apelaríamos para Aristóteles, citado por Rui Barbosa, quando afirmou que *“a igualdade não consiste senão em quinboar desigualmente os desiguais na medida em que se desiguam”*.

Já que Bento não os tinha “pegos na cama”, de não ter havido o flagrante de delegacia, poderia tentar valer-se de todos os indícios de adultério que possuía. Um indício isolado nada prova, mas a somatória de muitos poderia levar à inquestionável conclusão do adultério de Capitu.

A promotoria de acusação poderia evocar que são muitos os vestígios que se amalgamam. Um dos mais evidentes: a semelhança que o filho de Capitu teria com Escobar, similaridade esta que é vista por todos os outros personagens do livro. Outro indício, o do capítulo 113 do livro: “Embargos de Terceiro”, que consiste numa alusão irônica a um recurso jurídico em que alguém intervém na ação de outrem por ter sido privado de alguma posse. Há quem veja neste trecho uma situação de quase flagrante delito.

A banca de defesa de Capitu usaria o argumento mais forte: por em dúvida a saúde mental de Bento. Bastaria apelar para a história milenar da paranóia masculina em ser traído por sua mulher e insistir que a semente de destruição e ruína já habitava em Bento há muito tempo.

Poderíamos também evocar, como um arquétipo, o sultão das *Mil e uma noites* em seu plano de se casar todas as noites com uma virgem, e matá-la no dia seguinte, com medo de ser traído.

Falam a favor da dignidade de Capitu: seu comportamento nas grandes crises, como na morte de Escobar e nos dias que a sucederam pós-imediatos, no modo como procura ajudar Bento durante sua crise melancólica, no sacrifício em suportar a ausência do filho afastado para um colégio interno; na sua reação à acusação frontal de adultério; na firmeza estoica com que se muda para a Europa; na serenidade das cartas enviadas da Suíça, e nas tantas opiniões favoráveis que recebia na casa dos Santiago.

É Capitu quem primeiro mostra a peculiaridade do olhar do filho, chamando a atenção do marido. Isto se deu à mesa, depois de um jantar em 1872, quando Bento julgava que a **“vida era outra vez doce e plácida”**. Não só a mãe alude à semelhança dos olhos do filho com os de **“um amigo do papai”** e do **“defunto Escobar”**, como insiste: **“Olha, Ezequiel, olha firme, assim, vira para o lado de papai, não precisa revirar os olhos, assim, assim ...”** Certamente uma pessoa dissimulada e culposa não se exporia assim, e o próprio Bento, naquele momento, não se deixou impressionar, e terminou a cena com o elogio dos olhos da esposa, cujo rosto encheu de beijos.

A sutileza de Machado deixa em suspenso o julgamento sobre a personalidade de Capitu, mas, à visão patopsicológica de seu contexto, pode-se considerá-la como vítima de um delirante. A personalidade de Bento era sensitiva, insegura, submetida a conflitos éticos e

religiosos, de sexualidade fraca, com uma indecisão na escolha do objeto de amor, e que vem a manifestar uma lenta modificação no sentido de um delírio de ciúmes, que passa por uma fase de ruminação de ciúmes vagos e difusos, até culminar com a percepção delirante, na formação patopsicológica definitiva. O diagnóstico de Bento o torna igual a Otelo sem porém, a realização do crime passionai, ao mesmo tempo que coloca Capitu na altura de Desdêmona inocente.

A investigação clínico-fenomenológica já teria, neste ponto, atingido sua meta diagnóstica. Contudo, a patografia oferecida por Dom Casmurro é suficientemente rica que nos permite, ainda, um aprofundamento no sentido interpretativo-analítico.

Já vimos a posição de Freud, que reconhece, na origem do delírio de ciúme, o mesmo mecanismo projetivo do ciúme patológico, com uma característica de emoção projetada de fundo homossexual. Essa suspeita ganha força com a coleta, no romance, dos dados sobre a relação afetiva dos dois amigos, verificando-se que a formação triangular, na psique de Bento, já estava pré-formada por vetores inconscientes.

Farta é a jurisprudência para mostrar a impossibilidade de se condenar Capitu sem provas concretas. Para a configuração do adultério, é necessário que o casal se encontre *solus cum sola in solitudine* (juntos e sozinhos). Houve época em que se exigia que estivessem *nudus cum nuda* (homem nu com a mulher nua). Por último: para fins penais a prova de adultério deve ser positiva e concludente, não bastando comportamento ambíguo. Mas, é justamente a ambigüidade o elemento mais marcante da narração de Dom Casmurro.

Como conclusão de um hipotético julgamento de Capitu, dir-se-ia que, sem prova de conjunção carnal, a sentença estava decidida: - *In dubio pro reo* (na dúvida, a favor do réu) e portanto, do ponto de vista da acusação jurídica, o depoimento de Dom Casmurro, perdoai-nos Machado, é uma peça absolutamente imprestável.

16. A DÚVIDA PERMANECERÁ

É Dom Casmurro quem diz que Capitu o traiu; somente conhecemos a sua versão dos fatos. O possível adultério desta jovem mulher fica pairando no ar, são as dúvidas que Machado nos planta na mente. Contudo, a relação entre o fato real e o imaginado não é o mais importante: o ciúme, de fato, modificou profundamente a vida de nosso herói, convicto que está de ter sido traído. Aliás, como adverte U. Eco: - *“Um narrador não deve oferecer interpretações de sua obra, caso contrário não teria escrito um romance, que é uma máquina para gerar interpretações”*.

Ao que parece, Machado e Proust acreditavam na arte como salvação, uma forma de vencer a angústia gerada pela contemplação dos inúteis esforços humanos. Ainda assim, é perfeitamente possível, com os dados oferecidos pela narrativa, alcançar uma compreensão do provável transtorno mental de Bento/Casmurro.

17. POR OUTRO LADO

Aquele olhar ingênuo requerido por E. Husserl para o processamento de sua redução fenomenológica, a *epoché*, em que tudo fica entre parênteses, em suspensão, não nos parece coisa dos humanos. Olhar, sem interpretar, ou em outras palavras, sem ser acompanhado de uma vivência significativa, é, para nós, uma fantasia.

Assim posto, este texto de Machado submete-se à inúmeras leituras diferentes, tantas forem as cabeças que as sentenciem. A imensa força de penetração e persuasão da mídia se vale desta condição, fazendo seus escritos a priori direcionados, e leva consigo não os olhos, mas as mentes ingênuas de seu consumidor. Por isso, pensamos ser algo ético mostrarmos outra leitura [interpretativa] de *Dom Casmurro*.

Machado enfrenta nesta obra o problema da ascensão social através do casamento. Aqui, o processo social aparece integrado no processo psicológico dos personagens. As suas características mais profundas não são reveladas explicitamente, mas apenas sugeridas por uma frase, um gesto ou o ambiente. Penetramos no domínio da ambigüidade; pinçando trechos cuidadosamente



selecionados do texto, mudamos totalmente o significado de seu contexto. Não vemos aqui nenhuma interpretação de má fé, ou de leviandade: nosso roteirista é, para tanto, o escritor curitibano D. Trevisan.

Dom Casmurro foi publicado em 1900, e Machado faleceu em 1908. Nesse meio tempo, muitos foram os críticos que não negaram o adultério de Capitu. Graça Aranha, em carta dirigida a Machado, diz: - “*casada... teve por amante o maior amigo do marido*”. O criador de Capitu nunca protestou como sendo incorreto este julgamento.

E Machado não “*ocuparia mais da metade do livro com as manhas e artes de dois sublimes fingidores [Capitu e Escobar] sem que haja traição...*”

Machado sempre é [posto que imortal pela ABL] preciso e realista nos seus detalhes. O que tem de dizer, ele o diz. Nada há de se ler nas entrelinhas. Quando ele escreve que Bento “**é a cara do pai**”, assim o entendemos. Ora, isso terá de valer, também, quando diz que o pequeno Ezequiel é sócia de Escobar. Alguém poderá contestar que isso era interpretação de Bento, porém, temos o testemunho de outros personagens que confirmam o fato. Isto é, o autor se vale de diferentes olhares para confirmar ou infirmar as várias interpretações possíveis. Machado não escreve em vão: se um personagem espirra, “*na seguinte página tosse com pneumonia; se pendura na parede uma espingarda, por força há que disparar.*”

Algumas citações que faremos serão repetições do que já foi transcrito. Isto mostra simplesmente que a um mesmo sinal externo recebido haverá inúmeras percepções intencionais [vivências de significado] diferentes, como já foi pontuado. Lembramos a esta altura do colega J. A. Gaiarsa que, no preâmbulo de um livro seu de 1985, adverte: - “*Se uma ou outra frase do livro não encaixar na leitura - ou na cabeça - experimente lê-la com outra entonação, como se fosse um novo personagem, com outra voz e uma intenção diferente*”.

Talvez Gaiarsa, que é bastante bem humorado, tenha pretendido ser apenas jocoso. Nós também temos bom humor e apreciamos o seu recado. Além disso, entretanto, por pactuarmos com uma abordagem-de-mundo compreensivo-fenomenológica, soa-nos mais como algo absolutamente verdadeiro e sério.

Neste pano-de-fundo, avaliemos os trechos a seguir.

De Capitu:

“... olhos de cigana oblíquos e dissimulados; aos catorze anos... idéias atrevidas... na prática faziam-se hábeis, sinuosas, surdas, e alcançavam o fim proposto; mais mulher do que eu era homem; éramos dois e contrários, ela encobrindo com a palavra o que eu publicava pelo silêncio; aquela grande dissimulação de Capitu; já então namorava o piano da nossa casa; a pérola de César acendia os olhos de Capitu; nem sobressalto nem nada... como era possível que Capitu se governasse tão facilmente e eu não?; a confusão era geral... as lágrimas e os olhos de ressaca; minha mãe um tanto fria e arredia com ela; já é fria também com Ezequiel; não nos visita há tanto tempo; Capitu menina... uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca” etc.

De Escobar:

“... olhos fugitivos, não fitava de rosto; as mãos não apertavam as outras; testa baixa, o cabelo quase em cima da sobancelha; o comércio é a minha paixão; sua mãe é uma senhora adorável; dê-me o número das casas de sua mãe e os aluguéis de cada uma; era opinião de prima Justina que ele afagara a idéia de convidar minha mãe a segundas núpcias; os olhos, como de costume, fugidios; ouvi falar de uma aventura do marido, atriz ou bailarina; fazendo ele os seus cálculos, eu os meus sonhos” etc.

Em “Embargos de Terceiro” temos um flagrante delito dos amantes. Capitu alega estar doente e Bento vai sozinho ao teatro. Sua volta inesperada, surpreende Escobar em sua casa, o qual acaba arranjando uma desculpa.

Em “Dez Libras Esterlinas”, Capitu dá inegáveis indícios de seus encontros furtivos com Escobar.

Bem..., com tudo isso, será que os críticos literários e os patopsicologistas iriam querer, mais ainda, uma minuciosa descrição do casal em cena de alcova explícita?

Seria tudo fantasia de um jovem ingênuo e ciumento? Vamos a mais uma prova. Ao que tudo indica, Bento era estéril e, mesmo assim, nasce-lhe um filho temporão: - **“nenhum outro, um só e único”** [...] **“De Ezequiel [menino] olhamos para a fotografia de Escobar... a confusão dela fez-se confissão pura. Este era aquele... Ezequiel [adulto]... reproduzia a pessoa morta. Era o próprio, o exato, o verdadeiro Escobar. Era o meu comborço [amante de minha mulher]; era o filho de seu pai”**.

Mas, não somente o visual: - **“a voz era a mesma de Escobar; tinha a cabeça**

aritmética do pai; um jeito dos pés de Escobar e dos olhos; e das mãos; o modo de voltar a cabeça... Escobar vinha assim surgindo da sepultura; eu abria os olhos e a carta, a letra era clara e a notícia claríssima; a própria natureza jurava por si; o defunto falava e ria por ele”.

E a paixão de Bento por Escobar?

Bem..., longe de Capitu, Bento não ficou totalmente isolado:- “... **sem me faltarem amigas que me consolassem da primeira**”. E, reforçando a hipótese de sua esterilidade:- “**nenhum outro [filho lhe] veio, certo nem incerto, morto nem vivo**”.

Como comparar o nosso manso e doce Bentinho com um Otelo possuído pela cólera espumante, matando Desdêmona? Ao contrário, o viúvo Dom Casmurro evoca e lamenta piedosamente:- “... **a minha primeira amiga e o meu maior amigo... que acabassem juntando-se e enganando-me...**” [!]

Apenas para arrematar, lembremos da Capitu rebelde, obstinada, desafiante, orgulhosa e, mesmo colérica, quando diz de Dona Glória:- “**beata, carola, papa-missas!**” Ela aceitaria sem um gesto de revolta, indo calada e quieta, ir para o seu exílio na Suíça? Ela escreve ao marido, de lá, “**cartas submissas, sem ódio, acaso afetuosas... e saudosas.**” E, ainda louvando Bento como sendo “**o homem mais puro do mundo, o mais digno de ser querido**”? Seria essa a reação esperada de uma vítima de tão infame acusação? Somente o complexo crime/castigo poderia ter poupado Bento de ser por ela proclamado, com ruidosa contestação, o mais cruel dos algozes.

“**A minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremosos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me**”. Eis aqui a suma essencial da história de Dom Casmurro. A tragédia de Bento seria ter amado alguém que não poderia amá-lo.

Morreram ambos afogados nestes “olhos de ressaca”. Bento, simbolicamente, com uma existência malograda e, Escobar, por uma bela metáfora suficientemente fatal.

18. NOSSA VISÃO DESTE OLHAR

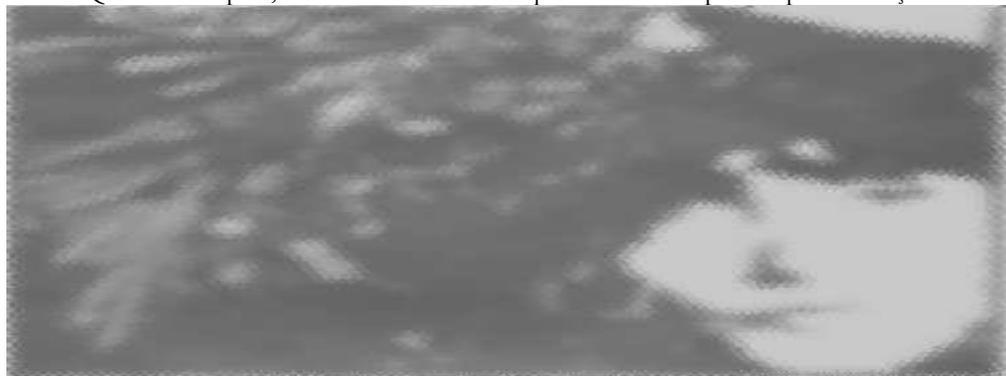
Parece-nos que ambos os protagonistas seguiram caminhos paralelos. Se houve alguma interseção, foi de pequena monta.

De qualquer forma, Bento enlouqueceu. Se já nasceu com o germe da loucura, o ambiente apenas detonou e agravou o processo. Se foi adquirido, também se mostraria aqui, sua predisposição genética em desenvolver, por motivos vários da razão e da emoção interagindo com o meio ambiente, o mesmo quadro clínico. Nas duas possibilidades, isso ocorreu, independentemente dos fatos vividos, reais ou imaginários, por Capitu. Em nossa opinião, haveria grande probabilidade do mal de Bento ter ocorrido com qualquer outra esposa e qualquer outro casamento.

Bento vive um destino muito irônico. Tudo bem, é certo, porém, que ele era ciumento, mas também é certo que ele nunca teve ciúme justamente de quem ele passa a desconfiar depois de morto, o amigo Escobar. Lembremos que é também Escobar que lhe serve como agente para a sua saída do seminário e, finalmente, quem o entrega a Capitu. Escobar ter-lhe-ia trazido grande felicidade, mas tornar-se-ia o principal agente de sua infelicidade. Como saber se ele teria sido ou não vítima de uma ironia terrível do destino, de sua existência a nós desvelada?

Achamos mais sensato, do ponto de vista clínico, ver Bento como vítima de falha em seu genoma.

Quanto a Capitu, não temos dúvida de que ela foi manipulada pela ambição de sua



família. Afinal, difícil seria gostar de um “mauricinho” como Bento, vergonhosamente mimado, nada sensual, cheio de cismas, inseguro, passivo, de virilidade discutível, acostumado a ser servido por agregados adutores e por escravos. Assim sendo, Bento estaria mais próximo da denominação de sinhazinha, evidentemente, com tudo isso florescendo em seu fértil terreno genético.

Capitu não seria tão tola de se enamorar desse sujeito aborrecido, além de doente. Escobar era muito mais interessante, a antítese de Bento. Estamos convencidos - esperamos que não delirantemente - de que Capitu concordou, sem ressalvas, a morar na Europa, porque, já que Escobar estava morto mesmo, tanto fazia. Aliás, tanto fazia, não! Ela foi para a Suíça, para ficar bem longe das manias de Bento/Casmurro. E quanto mais longe, melhor. Gostaríamos de deixar claro que temos consciência dos nossos tempos de hoje, que tenderia a um progressivo desmascaramento de Bento e a um elogio da modernidade esclarecida de Capitu. Por outro lado, vemos que Capitu visava apenas o status de esposa de Bento. Não há um só elemento em sua história de que ela pretendesse transcender à posição de uma mulher casada com um homem rico. Ao final, ela se acomoda numa espécie de separação honrosa, sem perda social ou econômica. Em uma análise materialista clássica, ela nada perde. Não vemos, aí, modernidade feminista alguma em Capitu. O que existe é a antiga e permanente astúcia feminina, dotada de grande senso prático, e capacidade de realizar seus desejos, aliás, uma constante desde o teatro grego.

Se Machado viajasse até nosso tempo poderia pintar, tomando por empréstimo a Nelson Rodrigues, cena na qual Capitu, com grande mérito, ouvisse de Bento o suplicante pedido:- “Perdoa-me por me traíres”.

Capitu foi vítima da hipocrisia na sociedade carioca do Segundo Império.

Lamentamos, profundamente, que Ezequiel tenha desaparecido tão precocemente. Filho de amor legítimo, poderia ter fruído dos bens deixados pela família Santiago, e ter-se dedicado à sua arqueologia, sem preocupações.

Ezequiel foi vítima da pena trágica de Machado.

“E agora, José?”, perguntaria Drummond.
“Tudo acaba, leitor; é um velho truísmo, a que se pode acrescentar que nem tudo o que dura dura muito tempo”.

BIBLIOGRAFIA DOS LIVROS CONSULTADOS E SUGESTÕES PARA LEITURA

- Andrade AL. *Transportes pelo olhar de Machado de Assis*. São Paulo: Grifos; 2000.
- Barreto Filho. *Introdução a Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Agir; 1947.
- Barros LF. *Memórias do delírio. Confissões de um esquizofrênico*. Rio de Janeiro: Imago; 2ªed. 1994.
- Bellemin-Noël J. *Psicanálise e literatura*. São Paulo: Cultrix; 1983.
- Binswanger L. *Manie und Melancholie*. Stuttgart: Neske; 1960.
- Bleuler E. *Afectividad sugestibilidad paranoia*. Barcelona: Ed. Científico-Médica; 1962.
- Bosi A. *O enigma do olhar*. São Paulo: Ática; 1999.
- _____. Fenomenologia do olhar. In: *O olhar*. São Paulo: Cia. Das Letras; 1990.
- Buarque C, Pontes P. *Gota d'água*. Fotocópia por nós recebida, ao término da obra, dos originais datilografados pelos AA. Rio de Janeiro; 1975.
- Burgess A. *A laranja mecânica*. São Paulo: Ediouro; 1994.
- Caldwell H. *The Brazilian Othello of Machado de Assis*. In: Machado de Assis. Berkeley-LA: University of California Press; 1960.
- Cândido A. *Esquema de Machado de Assis*. In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades; 1970.
- _____, Castello JA. *Das origens ao realismo*. São Paulo: Bertrand Brasil; 5ªed. 1992.
- Carvalho Filho A. O processo penal de Capitu. In: *Machado de Assis na palavra de Peregrino Jr., Cândido Mota Filho, Engênio Gomes & Engênio de Carvalho Filho*. Bahia: Progresso Ed.; 1959.
- Cavalcante M. *O ciúme patológico*. São Paulo: Rosa dos Tempos; 1998.
- Coli J. O lenço e o caos. In: *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Cia. das Letras; 1990.
- Conrad K. *La esquizofrenia incipiente*. Madrid: Alhambra; 1963.
- Coutinho A. *A filosofia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Vecchi; 1940.
- Cuche H, Gérard A. *Não agüento mais*. Campinas-SP: Papyrus; 1991.
- Eco U. *Pós-escrito a “O nome da rosa”*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1985.
- Ey H, Bernard P, Brisset C. *Manual de psiquiatria*. Rio de Janeiro: Masson; 1981.
- Faoro R. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional; 1974.
- Fenichel O. *Teoria psicanalítica das neuroses*. Rio de Janeiro: Atheneu; 1981.

- Ferreira-Santos E. *Ciúme. O medo da perda*. São Paulo: Ática; 1996.
- _____. *Ciúme. O lado amargo do amor*. São Paulo: Gente; 2000.
- Folha de São Paulo Caderno *MAIS!* de 28/03/99.
- _____. Caderno *ILUSTRADA* de 25/06/99.
- _____. Editoria: *OPINLÃO* de 24/06/99.
- Freud S. *Obras completas*. 25 v. Buenos Aires: Amorrortu; 1989.
- Fryling A. *Reshaping a jealous heart*. Downers Grove, Inter Varsity Press; 1994.
- Gaiarsa J Á. *Sexo, Reich e eu*. São Paulo: Ágora; 1985.
- Gledson J. *Machado de Assis: impostura e realismo Uma reinterpretação de Dom Casmurro*. São Paulo: Cia. das Letras; 1991.
- Gledson J, Coutinho S. *Machado de Assis. Ficção e história*. São Paulo: Paz e Terra; 1986.
- Goás MC. *Personajes literarios, psicología y psicopatología*. Actas lusa-españ. neur. psiq. 1965; 24:181-92.
- Gógol N. *O nariz*. São Paulo: Max Limonad; 1986.
- Gomes E. *O enigma de Capitu*. Rio de Janeiro: José Olympio Ed. ; 1967.
- Griesinger W. *Pathologie und therapie der psychischen Krankheiten*. Stuttgart: Bonset; reimpr. 1964.
- Huxley AL. *Admirável mundo novo*. São Paulo: Abril Cultural; 1980.
- Jamison KR. *Uma mente inquieta*. São Paulo: Martins Fontes; 1996.
- James W. *Princípios de psicologia*. México: FCE; 1994.
- Jaspers K. *Strindberg y Van Gogh. Análisis patográfico comparativo*. Barcelona: Ed. Nuevo Arte Thor; 1986.
- _____. *Genio y locura*. Madrid: Aguilar; 1961.
- _____. *Escritos psicopatológicos*. Madrid: Gredos; 1977.
- _____. *Psicopatología Geral*. 2v. Rio de Janeiro: Atheneu; 1973.
- Jung CG. *Tipos psicológicos*. Rio de Janeiro: Zahar Ed.; 1967.
- Kafka F. *A metamorfose*. São Paulo: Brasiliense; 1986.
- Kraepelin E. *Psychiatrie*. 4v. Leipzig: Barth; 1908-12.
- Kretschmer E. *Hombres geniales*. Madrid: Labor; 1954.
- _____. *Constitución y carácter*. Madrid: Labor; 1967.
- _____. *Delirio sensitivo*. Madrid: Labor; 1959.
- Lange W. *Hölderlin*. Stuttgart; 1909.
- Leite DM. *Psicologia e literatura*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional/EDUSP; 4ªed. 1987.
- Lewin K. *Principles of topological psychology*. Nova York: Mc Graw-Hill; 1936.
- López Ibor JJ. Prólogo a Cabaleiro Goás. Werther, Mischkin y Joakin Monero. In: *Trilogia patográfica*. Barcelona: Apolo; 1952.
- Lucas FL. *Literature and Psychology*. Univ. of Michigan Press. Ann Arbor; 1957.
- Machado AM. *A audácia dessa mulher*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1999.
- Maia Neto JR. *Machado de Assis. The brazilian pyrrhonian*. Purdue Univ. Press; 1994.
- Magalhães Jr R. *Idéias e imagens de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira; 1956.
- Massa M. *La bibliothéque de Machado de Assis*. Rev do Livro; 1961. 21/22.
- _____. *A juventude de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; s/d.
- May R. *The significance of symbols*. In: May R Symbolism in Religion and Literature. Nova York: G. Braziller; 1960.
- Miguel EC. *Transtornos do espectro obsessivo-compulsivo*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 1996.
- Minkowski E. *La esquizofrenia*. Buenos Aires: Paidós; 1927.
- Moebius JP. *Goethe*. Leipzig: Barth. 1898.
- Monteiro VJ. *Dom Casmurro: Escrita e discurso*. São Paulo: Hacker Ed.; 1997.
- Montello J. *Memórias póstumas de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1997.
- _____. *O presidente Machado de Assis*. São Paulo: Livr. Martins; 1961.
- _____. *Os inimigos de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1998.
- Moreau J (de Tours). *Du Haschisch et de "L'Aliénation Mentale"*. Paris: Masson; 1845.
- Moreira TM. *Quincas Borba ou o pessimismo irônico*. Rio de Janeiro: Livr. São José. 1964.
- Niskier A. *O olhar pedagógico em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; s/d.
- O'Brien B. *A vida íntima de uma esquizofrênica*. Rio de Janeiro: Imago; 1972.
- Olievenstein C. *O homem paranóide*. Lisboa: Inst. Piaget; 1996.
- Orwell G. *1984*. São Paulo: Ed. Nacional. 1979.
- Painter G. *Marcel Proust: a biography*. 2v. Londres: Chatto & Windus; 1965.
- Pereira A. *Machado de Assis. Ensaios e apontamentos avulsos*. Belo Horizonte: Oficina de Livros; 1991.
- Pereira LM. *Machado de Assis. Estudo crítico e biográfico*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional. 1939.
- Peregrino Jr. *Doença e constituição de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Livr. José Olympio. 1938.
- Pinel Ph. *Traité Médico-philosophique de L'aliénation mentale ou de la manie*. Paris: Richard, Caile e Ravier; 1801.
- Pompeu R. *Memórias da loucura*. São Paulo: Ed. Alfa-Ômega; 1983.
- Proust M. *O indiferente e o fim do ciúme*. São Paulo: Scrinium; 1997.
- Reale M. *A filosofia na obra de Machado de Assis*. São Paulo: Pioneira; 1997.
- Roback AA. Psychology of Literature. In: *Present-Day Psychology*. Nova York: Philosophical Library; 1955.
- Roth P. *O seio*. Rio de Janeiro: Artenova; 1974.
- Saraiva JA. *Círculo das memórias em Machado de Assis*. São Paulo: Edusp; 1993.
- Sabino F. *Amor de Capitu*. São Paulo: Ática; 1999.

Sechehaye MA. *Memórias de uma esquizofrênica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; orig. 1950.
 Schneider K. *Patopsicologia clínica*. Madrid: Paz Montalvo; 1963.
 Schreiber FR. *Sybil*. São Paulo: Nova Época; 1976.
 Schwarz R. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades; 2000.
 ————. *Dois meninos*. São Paulo: Cia. das Letras; 1997.
 ————. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades; 2000.
 Stein I. *Figuras femininas em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1984.
 Teixeira I. *Dom Casmurro: o problema do conhecimento*. São Paulo: Martins Fontes; 1987.
 Teixeira J. F. *Mente, cérebro e cognição*. Rio de Janeiro: Vozes; 2000.
 Telles L. F., Gomes PES. *Capitu*. São Paulo: Siciliano; 1993.
 Torres A. R., Ramos-Cerqueira A. T. A., Silva Dias R. *O ciúme enquanto sintoma do transtorno obsessivo-compulsivo*. Trabalho realizado no Depto. de Neurologia e Psiquiatria da Faculdade de Medicina de Botucatu, UNESP; 2000.
 Trevisan D. *Dinorá*. São Paulo: Record; 2ªed. 1997.
 Tripicchio A, Tripicchio AC. *Escolhas do psiquiatra e os paradigmas cérebro/mente*. Temas 1999; 29: 1-30.
 ————. *A filosofia clínica e as psicoterapias fenomenológicas*. São Paulo: APAFIC; 2000.
 Vallejo-Nágera JA. *Loucos egrégios*. Rio de Janeiro: Guanabara Dois; 1979.
 Vianna Filho L. *A vida de Machado de Assis*. São Paulo: Martins; 1965.
 von Krafft-Ebing R. *Médecine légale des aliénés*. Paris: Gimet-Pisseau; 3ªed. alemã 1892; 1ªed. fr. 1900.
 World Health Organization. *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID 10*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1993.

DICIONÁRIOS E HISTÓRICOS

Alexander FG, Selesnick. *História da Psiquiatria*. São Paulo: IBRASA; 1968.
 Arnold W, Eysenck HJ, Meili R. *Dicionário de psicologia*. São Paulo: Loyola; 1982.
 Campbell RJ. *Dicionário de psiquiatria*. São Paulo: Martins Fontes; 1986.
 Chemama R. *Dicionário de psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1995.
 Ferreira ABH. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira; 1986.
 Gregory RL. *Diccionario Oxford de la mente*. Madrid: Alianza; 1995.
 Hinshelwood RD. *Dicionário do pensamento kleiniano*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1992.
 Laplanche J, Pontalis J-B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes; 1992.
 Michaelis. *Moderno Dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos; 1998.
 Mora J. F. *Diccionario de filosofía*. Madrid: Alianza; 5ª reimpr. 1986.
 Porot A. *Diccionario de psiquiatria*. Madrid: Labor; 1962.
 Postel J, Quérel C. *Historia de la psiquiatria*. México: FCE; 1987.
 Reis C, Lopes AC. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática; 1988.
 Roudinesco E, Plon M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar; 1998.
 Vidal G, Bleichmar H, Usandivaras RJ. *Enciclopedia de psiquiatria*. Buenos Aires: El Ateneo; 2ª ed. 1979.
 Zilboorg G. *Historia de la psicología médica*. Buenos Aires: Psique; 1968.

***Adalberto Tripicchio** é psiquiatra, neurobiólogo, doutorando em Filosofia da Mente na UFSCar-SP. Docente de Psicologia na Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo-SP.

****Ana Cecília Tripicchio** é biomédica, filósofa, pós-graduanda em Filosofia na UNICAMP-SP. Docente de Filosofia na Universidade Anhembi-Morumbi. Filósofa-Clínica. Diretora-executiva da Associação Paulista de Filosofia Clínica (APAFIC), do Instituto Packter, Porto Alegre-RS.